



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**MEMÓRIAS, CONTRIBUIÇÕES E PERMANÊNCIAS DA COLÔNIA
GREGA EM FLORIANÓPOLIS**

Luiz Felipe Guarise Katcipis

Florianópolis

2014

Luiz Felipe Guarise Katcipis

**MEMÓRIAS, CONTRIBUIÇÕES E PERMANÊNCIAS DA COLÔNIA
GREGA EM FLORIANÓPOLIS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para conclusão
do Curso de Licenciatura e Bacharelado em
História da Universidade Federal de Santa
Catarina.

Orientador: Dr. Marcos Fábio Freire
Montysuma, professor da Universidade
Federal de Santa Catarina.

Florianópolis

2014



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos cinco dias do mês de dezembro do ano de dois mil e quatorze, às quatorze horas, na sala trezentos e treze do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo Professor Marcos Fábio Freire Montysuma, Orientador e Presidente, pelo Professor Leandro Maciel Silva, Titular da Banca, e pela Professora Eunice Sueli Nodari, Suplente, designados pela Portaria nº 44/TCC/HST/14 do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de argüirem o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico Luiz Felipe Guarise Katcipis, subordinado ao título: “Memórias, contribuições e permanências da Colônia Grega em Florianópolis”. Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi argüido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido do Professor Marcos Fábio Freire Montysuma, a nota final 9,5, do Professor Leandro Maciel Silva, a nota final 9,5, e da Professora Eunice Sueli Nodari, a nota final 9,5; sendo aprovado com a nota final 9,5. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História, até o dia doze de dezembro de dois mil e quatorze. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo candidato.

Florianópolis, 05 de Dezembro de 2014.

Banca Examinadora:

Prof. Marcos Fábio Freire Montysuma

Prof. Leandro Maciel Silva

Prof.ª Eunice Sueli Nodari

Candidato Luiz Felipe Guarise Katcipis

[Handwritten signatures in blue ink: Marcos Fábio Freire Montysuma, Leandro Maciel Silva, Eunice Sueli Nodari, and Luiz Felipe Guarise Katcipis]

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a toda minha família que sempre me incentivou no projeto. Ao meu orientador Prof. Dr. Marcos Fábio Freire Montysuma e o Prof. Leandro Maciel Silva pelos seus suportes e correções. Aos entrevistados e parentes que se dispuseram um pouco do seu tempo para enriquecer meu trabalho. A todos esses deixo meu muito obrigado.

RESUMO

O presente trabalho vem discutir as memórias, contribuições e permanências da colônia grega em Florianópolis, através de uma perspectiva da Nova História Cultural em que estarão sendo analisadas duas fontes: o livro “Os gregos no Brasil” e as entrevistas coletadas com diferentes gerações de descendentes gregos de Florianópolis. O problema a ser abordado: o que é a cultura da colônia grega hoje em Florianópolis? Levando em consideração as mudanças sociais que ocorrem cada vez mais rápidas dando a sensação da aceleração do tempo, poderemos verificar o tipo de cultura que cerca a construção dessa colônia grega hoje.

Palavras-chave: Gregos, Florianópolis, imigração, memória.

ABSTRACT

This work is discussing the memories, contributions and permanence of the Greek colony in Florianópolis, through the lens of the New Cultural History that are being analyzed two sources: the book "The Greeks in Brazil" and interviews collected with different generations of descendants Greek Florianópolis. The problem to be addressed: what is the culture of the Greek colony today in Florianópolis? Taking into account the social changes that occur faster and faster giving the feeling of acceleration time, we can see the kind of culture that surrounds the construction of this Greek colony today.

Keywords: Greek, Florianópolis, immigration, memory.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
CAPÍTULO I – Imigração grega no Brasil.....	17
CAPÍTULO II – A obra “Os gregos no Brasil”.....	26
2.1 O Pioneiro.....	32
2.2 Costumes gregos.....	39
2.3 As contribuições da colônia grega.....	41
2.4 Subjetividade do autor na visão sobre uma identidade.....	43
2.5 Caderno de Cultura Catarinense.....	47
CAPÍTULO III - Análise das entrevistas.....	50
3.1 As perspectivas sobre a imigração grega.....	51
3.2 A identificação com a cultura.....	54
3.3 O legado: lugares de memórias e personagens.....	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
FONTES.....	66
BIBLIOGRAFIA.....	68
ANEXOS.....	71

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa irei problematizar memórias da colônia grega em Florianópolis. Para tal fim vou utilizar a metodologia da História Oral para embasamento das fontes ligadas a entrevistas. Teoricamente vou utilizar a categoria de memória de Pierre Nora em dialética com o trabalho de Pollack acerca de “memória e identidade social”, a questão da tradição abordada por Hobsbawn e Ranger, e o conceito de “culturas” no plural segundo Pesavento e Reymond Willians.

Não existe ainda um estudo aprofundado sobre a imigração grega em Santa Catarina, onde há uma gama maior de pesquisas direcionadas para cultura alemã e italiana, até pelo número de imigrantes que aqui chegaram. Essa parte dos estudos da imigração tomou força na década de 1980 em Santa Catarina quando estava em prática um processo político pela identidade Catarinense.

Segundo o artigo¹ de Peluso Júnior (1984, apud SERPA, 1996, p. 70) esse processo foi chamado por Catarinização sendo realizado pela presença do Estado, e se daria também pela unificação das manifestações culturais empreendidas por intelectuais ligados ao poder constituído e preocupados com a identidade catarinense.

Da pouca pesquisa que temos sobre a colônia grega em Santa Catarina uma das obras que inicia essa abordagem se remete a esse período desse discurso político. A obra “Os gregos no Brasil” de Savas Apóstolo Pítsica traz todo um discurso sobre a contribuição dos gregos para a cultura ilhoa, com o intuito de ressaltar a identidade grega dentre muitas outras.

Alem de querer dar o destaque à cultura havia também um imenso interesse de se preservar a tradição, como o próprio autor relata da perda dos costumes tradicionais desde a chegada dos gregos a Ilha de Santa Catarina:

Decorridos cem anos, esse núcleo começa a mostrar indícios de desagregação, pela absorção natural ao meio, apenas permanecendo traços fisionômicos e os nomes de seus genitores (SAVAS PÍTSICA, 1983, p.13).

O estudado pretende analisar se havia uma preocupação dos imigrantes gregos com a preservação da sua cultura ou se isso faz parte de um discurso criado

¹ PELUSO JÚNIOR, Victor Antonio. **A Identidade Catarinense**. Florianópolis: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. 3. Fase, n. 5, 1984.

durante a década de 1980. Será verificado também se não há um conjunto de práticas, que visam inculcar certos valores através da repetição para poder dar uma idéia de continuidade à cultura grega dentre muitas outras que também estavam num espaço político buscando suas identidades (HOBSBAWM, 1997, p. 9). Como o próprio autor destaca:

Mas eles deixaram no seu exemplo, sua personalidade, sua perseverança, seu idealismo, seu entusiasmo pelo trabalho e amor ao Brasil, estigmatizados nas gerações futuras, e seu espírito vivo entre nós (SAVAS PÍTICA, 1983, p. 13).

É interessante verificar se havia uma preocupação, ou uma idéia por parte dos imigrantes em contribuir para esse conjunto de Florianópolis, pois não se pode descartar que poderia haver um interesse maior por parte dos gregos em explorar mais o que a ilha tinha para oferecer do que realmente oferecer algo a cultura dela, além disso, querer preservar apenas os seus costumes dentro da sua própria comunidade.

Assim através de uma análise das memórias do presente, verificada pelas entrevistas feitas com os descendentes desses imigrantes gregos, tentar entender o que é a cultura grega hoje em Florianópolis, em comparação com aquela relatada pela obra “Os gregos no Brasil”.

Problematizar os aspectos que foram incorporados a essa cultura, o que se preservou o que se perdeu durante os séculos XIX, XX e XXI, e por fim entender o que seria essa colônia grega hoje e verificar quais são os monumentos de sua valorização.

Em 1964 a Carta de Veneza amplia a definição de monumentos históricos, através do artigo 1º onde “a noção inclui a criação arquitetural isolada assim como sítio urbano ou rural que traz o testemunho de uma civilização particular, de uma evolução significativa ou de um evento histórico. Ele se entende não somente às grandes criações, mas também às obras modestas que adquirem com o tempo uma significação cultural” (HARTOG, 2006).

Hoje, segundo François Hartog (2006), a definição de história-memória nacional é contestada em nome de memórias parciais, setoriais e particulares. O fato de a imigração Grega ser pouco lembrada fora da comunidade grega e até mesmo dentro dela poderia estar ocorrendo devido a sua significação cultural

perante a sociedade, que poderia proporcionar a falta de um indicativo de seus valores para os descendentes gregos.

Assim poderá a história-memória sobre a colônia grega estar entrando numa história-patrimônio, como diagnosticado por Pierre Nora (1993) em Lugares de Memória sobre a patrimonialização da França, ou ainda ultrapassado esse estágio a partir do momento que nem os lugares são conhecidos e assim não tocam a cultura dos próprios descendentes.

O interesse em abordar a cultura grega em Florianópolis está envolvido diretamente com a história dos meus ancestrais. A partir desse meu passado muito próximo, devido à presença de meu avô e dos seus irmãos, filhos de um imigrante grego, mas também pouco explorado. Surgiu o questionamento de o que me tornaria um descendente da cultura grega além do sobrenome herdado.

A busca por essa identificação com um passado ocasionou o interesse em saber mais acerca da colônia grega em Florianópolis, que nunca foi mencionada na parte do ensino de história tanto escolar quanto da graduação.

Fui ao encontro de obras que pudessem falar um pouco da formação dessa colônia, pois a conexão que eu imaginava com os gregos dava um salto no tempo e remetia a uma era platônica de deuses, pensadores, grandes heróis e batalhas. A busca por um vínculo mais próximo levou a uma consulta na Biblioteca Pública do estado de Santa Catarina e a Biblioteca Pública da Universidade Federal de Santa Catarina. Em ambas o número de obras que falavam especificamente da colônia em Florianópolis era mínimo, e a grande maioria escrita por autores descendentes de gregos dessa colônia, como por exemplo, a família Pítsica.

Tendo uma documentação escrita tão reduzida sobre essa colônia em Florianópolis não me espantava agora o nível dos meus estudos acerca do conhecimento dessa colonização, mas contraditoriamente a ilha abrigou a primeira colônia grega do Brasil segundo sua data cível de fundação em 21 de setembro de 1883 (PASCHOAL PÍTSICA, 2003).

Dessa maneira foi selecionada como uma das fontes a serem trabalhadas no projeto, uma das primeiras obras direcionada ao estudo da colônia grega em Florianópolis, verificado através de pesquisa nas bibliotecas públicas, com o intuito de entender as mudanças dessa cultura, e os motivos que levaram a sua produção. O livro sobre o título "Os gregos no Brasil" de 1983 escrito por Savas Apóstolo

Pítsica, será problematizado a partir do discurso produzido na época para construir uma tradição cultural a fim de realçar os traços da identidade.

A cultura então será tratada como pluralidade, presente em diferentes nações e períodos, e variáveis de grupos sociais e econômicos, mas também como atividade intelectual. Categorias da cultura que são definidas por Raymond Willians:

[...] o substantivo independente, quer seja usado de modo geral ou específico, indicando um modo particular de vida, quer seja de um povo, um período, um grupo ou da humanidade em geral Herder e Klemm. Mas também é preciso reconhecer (iii) o substantivo independente e abstrato que descreve as obras e as práticas da atividade intelectual e, particularmente, artística (WILLIANS, 2007, p. 121).

O livro aborda a chegada dos primeiros gregos em Santa Catarina datada do final do século XIX, quando o veleiro “*Lefki Peristerá*” atracou no porto de Desterro (atual Florianópolis), na volta de uma viagem com destino a Montevidéu e teria permanecido por mais tempo devido à semelhança da Ilha com a terra natal dos gregos que ali estavam. Dessa forma uma pequena colônia teria surgido, pois parte da tripulação não embarcou de volta, sendo selecionada pelo próprio capitão do navio com origem em uma ilha chamada *Kastelórizon*, que é o ponto territorial mais oriental da Grécia. Tripulação que teria permanecido por vontade própria e por semelhanças da ilha com sua terra de origem.

O capitão do navio Savas Nicolaos Savas retornaria mais tarde à Ilha de Santa Catarina com seus familiares e incentivaria a vinda de muitos outros gregos. Nas palavras de Paschoal Apóstolo Pítsica² que escreve um dos capítulos do livro analisado:

Não eram indigentes, necessitados ou foragidos da ação da justiça. Eram pessoas honradas, decentes, com recursos, viajadas, que já conheciam toda a costa do Mediterrâneo, desde Jerusalém até Alexandria e Constantinopla. Alguns vinham até com diploma de professor e outros de médicos, conquistado em Londres. (PASCHOAL PÍTSICA, 1994, p. 8).

Os que aqui chegaram antes de 1891 tiveram sua cidadania assegurada pela Constituição da República, que pelo inciso IV do artigo 69 declarava que todo estrangeiro que se encontrava no Brasil e não declarasse ânimo de conservar a sua nacionalidade de origem seriam cidadãos brasileiros (PASCHOAL PÍTSICA, 2003).

² Paschoal Apóstolo Pítsica nasceu em Florianópolis, em 1938, é sócio Emérito do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e Presidente da Academia Catarinense de Letras.

Um levantamento que pode considerar a posição dos colonos em relação à idéia de retorno a Grécia.

Apesar da ratificação da nacionalidade brasileira a obra coloca que a pequena colônia grega então foi formada com o intuito de ajuda mútua entre os imigrantes gregos e para preservação do culto da língua, suas tradições patrióticas, seus costumes, sua religião e todo o seu patrimônio de tradições culturais em geral que advinham da Ilha de *Kastelórizon*.³

Com o intuito de manter essas tradições em 1929 foi criada a Irmandade Grega Ortodoxa São Constantino, santo que dava o nome da principal igreja de *Kastelórizon* onde ocorriam os batizados e núpcias, fortalecendo ainda mais a Colônia Grega de Santa Catarina.⁴ Porém segundo Fernandes a inauguração do edifício da Igreja ocorreu somente no início dos anos 60 (2009, p. 137).

Porem os choques culturais foram ocorrendo, e segundo Paschoal Pítsica, isso foi incorporando aos poucos no linguajar em Florianópolis palavras em grego repetidas por esses imigrantes, além do convívio com as histórias e mitologias contadas por esses “novos brasileiros”.⁵ Além disso, teriam agregado muito ao comércio local, onde faziam venda e trocas de mercadorias na Rua do Príncipe (Conselheiro Mafra), na Francisco Tolentino se estendendo ao trapiche da antiga Alfândega até o Mercado Público e dali até o Trapiche do Hoepecke.⁶

Outra contribuição citada no livro foi a do enriquecimento da culinária com a introdução de frutos do mar, como o caviar e o caviarosalada, que são feitas com as ovas cruas da tainha. A lula, o ouriço e o polvo também foram outros alimentos que foram incorporados pelos gregos e que não eram muito apreciados pela população da Ilha de Santa Catarina. O mesmo ocorreu em relação às cabras e cabritos que aos poucos passaram a ser consumidos.⁷

Em diversos momentos da obra o autor demonstra o interesse em deixar claras as contribuições dessa colônia, como que montando estudo para a construção de uma identidade para destacar e diferenciar essa cultura grega das demais existentes no estado de Santa Catarina.

³ PÍTSICA, Savas Apóstolo. Os gregos no Brasil. Florianópolis, 1983, p. 31.

⁴ PÍTSICA, Paschoal Apóstolo. A contribuição grega. Florianópolis: Palloti, 1994, p. 10.

⁵ Ibidem.

⁶ PÍTSICA, Savas Apóstolo, p. 30.

⁷ Ibidem, p. 31.

Cultura que muitas vezes é remanejada com o intuito de atingir um objetivo do tempo em que ela está sendo lembrada. Por uma cultura de invenção das tradições podemos entender qual é a relação que o presente queria ter com o passado, mostrando um contexto histórico em que a produção da obra está inserida. Por invenção da tradição entende-se:

[...] um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado (HOBSBAWN, 1997, p.10).

As condições sociais de produção da obra serão mais evidentes quando verificadas as diferenças que serão expostas em comparação com outro tipo de fonte de outro tempo, a fim de verificar o propósito que motivou o registro desses costumes.

O livro tenta fazer um registro físico da memória, mas contrariamente o insere no campo da história, que ao ser acionada trabalha como destruidora da anterior. Pois para se fazer o registro da memória é necessário estudá-la, pesquisar, e compreender a sua formação dentro do tempo. Quanto mais à memória entra na história menos ela habita o pensamento das pessoas. Fala-se tanto em memória porque ela não existe mais (NORA, 1993).

Assim há um momento de articulação onde surge uma consciência de ruptura com o passado que se mistura com o sentimento de memória esfacelada, mas que ainda possuidora de força para suscitar a sua encarnação. Há locais de memória porque não há mais meios de memória. (NORA, 1993).

Os imigrantes gregos ao formarem uma colônia em Florianópolis inevitavelmente trouxeram junto uma parte de sua cultura que se refletia em seus costumes e tradições. Essa cultura foi assistida por seus filhos já nascidos aqui na ilha de uma maneira diferenciada daquela como era feita em *Kastelórizon*, devido ao novo contexto social que estavam inseridos.

O momento de articulação é de extrema importância para o entendimento dessa produção, pois a cultura já vinha sofrendo as transformações proporcionadas pelo tempo e espaço.

O surgimento de uma nova idéia de construção da identidade ocorrido no meio social da época causou, ou exigiu no subconsciente uma sensação de distância com uma memória, e fez com que houvesse a percepção de que a cultura das tradições praticadas no passado já não eram praticadas exatamente iguais a do presente. E esse elo de ruptura traz a noção do fim de algo que era vivido em evidência.

A grande investigação sobre a obra era que devido a um contexto social o autor pode ter criado a desconexão com um passado para poder atingir um objetivo do presente de inventar uma cultura de tradição. Algo inevitável quando se estuda a cultura, pois ela é viva e está sempre sofrendo flutuações, até no uso de seu significado⁸. Foi necessário que houvesse uma sensação de ruptura com uma memória para poder reerguer novamente como a história da colônia grega. Ainda entender se essa tradição, inventada ou não, atingiu um estágio de significação cultural para os descendentes gregos, que é a base para que ela seja reconhecida e passada de pelas gerações.

Segundo François Hartog (2006, p. 268) destaca o *savoir-faire*, que é essa memória que quando transmitida se atualiza, e que tenha sido interrompida em prol da conservação de um objeto.

Para entender melhor os discursos que formam a cultura da identidade irei fazer uma comparação com outro tipo de fonte. As realizações de entrevistas irão proporcionar relatos orais de alguns descendentes gregos, que trarão uma possível resposta de o que é hoje a colônia grega em Florianópolis, e as condições sociais que envolvem essa visão de hoje.

Esta forma de abordagem através da comparação das fontes ajudará a manter a devida atenção para possíveis abusos vinculados a uma temática que está diretamente ligada a minha vida pessoal. O fato de problematizar a situação da colônia grega hoje, e do discurso criado em torno dela na década de 80, me afasta de uma narração cronológica do que foi a colonização grega. Há uma resistência para que a pesquisa não tome o caminho de exaltação da minha identidade, a fim de glorificar um passado a partir de uma expectativa do presente em se ter um registro de uma narrativa em torno da cultura ao invés de responder a uma problemática.

⁸ RAYMOND, Williams. **Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade**. Trad. Sandra Gardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2007, p. 123.

Nesse processo de comparação das fontes não pretendo propor no trabalho uma contraposição da oralidade com a escritura, demonstrando as diferenças entre as duas e ter alguma como mais verdadeira. É demonstrar o registro de outra fonte sem estar relacionado com o que já está posto, são fontes de diferentes tempos que trazem suas especificidades. Conforme Regina Guimarães Neto coloca:

É necessário reconhecer que a fonte oral não é o outro da fonte escrita: fazem parte, tanto uma quanto outra, do sistema escriturístico moderno, operando com os mesmos códigos de referência cultural (sem postular uma origem única) (GUIMARÃES NETO, 2006a, p. 47).

O interesse pela abordagem da oralidade como fonte e obtenção de conhecimentos novos e fundamentar análises históricas com base na criação de fontes inéditas ou novas (LOZANO, 2006).

As entrevistas serão usadas não com o intuito de construir uma ponte com uma oralidade perdida, apesar de podermos verificar algumas relações duradouras com as tradições, ela toma outras formas de socializações com novas apropriações culturais que ocorrem no seu tempo. Teremos novas interpretações desse passado, que é de grande importância para não sucumbirmos às invenções de um passado desejado, ou como coloca Hobsbawn e Ranger (1997) às “identidades restituídas”.

A análise desses relatos orais será feita como em um texto em que se inscrevem desejos, normas e regras. Eles não serão pensados na perspectiva de serem restituídos a sua totalidade, mas como uma potência de criar novos significados; em suma, conforme sublinha Guimarães Neto (2012), devem ser lido como um texto articulador de discurso.

Ainda os relatos orais são apreciados diante de métodos investigativos que partiram de premissas com intuito de atender os interesses de respostas a questões relacionadas à problemática do historiador (entrevistador), que deve também levar em conta a fala do entrevistado e todo o seu sentido designado (articulador do discurso). Junto com outros critérios como as condições de produção, meios de circulação e apropriações diversas, irão formar os interesses tanto do entrevistador como do entrevistado (MONTENEGRO, 2010).

Dessa forma o uso da história oral significa, produzir conhecimentos históricos, científicos, e não simplesmente fazer um relato ordenado da vida e da experiência dos “outros”. (LOZANO, 2006).

O trabalho com as fontes estarão ligados ao objeto de investigação, mas também serão analisados as suas condições de possibilidade, que segundo Apleby, Hunt e Jacob:

[...] sejam sociais (onde se produziu e para quem se produziu), sejam técnicas (tais como os códigos, regras e convenções que as orientam), relacionando-as às práticas culturais e às escolhas interpretativas (1994 apud GUIMARÃES NETO, 2012).

Considerando as linhas de pesquisa com história oral de Jorge Eduardo Aceves Lozano (2006), o estilo utilizado terá uma faceta metódica com foco numa análise complexa. Conforme o autor:

As variantes da faceta metódica tendem a adotar uma postura abstrata e com interesses explícitos voltados para a conceitualização e a reflexão teórica, embora cada uma delas incorpore e utilize a fonte oral para análise histórica de forma diferente e contrastante. A essa postura interessa desenvolver reflexões sobre o método de pesquisa adotado e não só executar regras ou receitas de procedimento (LOZANO, 2006, p. 21).

O trabalho com as entrevistas não está voltado para criação e organização de documentos, ou se tornar um porta-voz dos “outros” numa abordagem populista. Como a minha problemática engloba entender o que é a colônia grega hoje em Florianópolis as fontes orais não serão utilizadas como mero apoio factual a outros documentos. Elas serão problematizadas com o intuito de entender o seu processo de produção sendo complementadas com outros documentos tradicionais do trabalho historiográfico.

De maneira geral como ocorre em outras metodologias aprende-se melhor com a história oral praticando-a sistemática e criticamente, e sempre mantendo a disposição de retornar os seus passos percorridos para tornar melhor o uso dos seus métodos.

CÁPITULO I - Imigração Grega no Brasil

O tema imigração é alvo de pesquisas especializadas dentro da área das ciências humanas no Brasil, porém são poucos os registros que tratam do início da presença dos imigrantes gregos e de suas colônias no Brasil. O próprio site do IBGE⁹ que possui um canal que apresenta um breve panorama sobre o processo de ocupação do território brasileiro, com ênfase nas contribuições prestadas por distintos grupos étnicos, inclui apenas portugueses, negros, espanhóis, judeus, alemães, italianos e árabes.

Apesar disso acreditasse que no Brasil existam entre aproximadamente 30.000 mil gregos e descendentes, tendo reconhecimento como uma das maiores comunidades grega das Américas¹⁰, junto com a Argentina, México¹¹, Estados Unidos, que possui mais de um milhão¹², Canadá que estimasse mais de 200.000 mil¹³ e Chile¹⁴, segundo dados do site oficial da República da Grécia.

Mesmo assim são imprecisos e pouco divulgados os dados acerca da quantidade de imigrantes e descendentes gregos residentes no Brasil. Segundo Fernandes baseada em estimativas da enciclopédia grega *Megali Elleniki Engiklopedia* (Kitroeff, 1992, p. 97), o Brasil é o país sul-americano que mais recebeu imigrantes gregos, e estimasse números de 50.000 imigrantes gregos no Brasil, 40.000 na Argentina, 2.000 no Uruguai e 800 no Chile.¹⁵

A intenção é trabalhar com uma história cultural que demonstre as transformações no discurso sobre a colônia grega em Florianópolis. Por se tratar de

⁹ O site referido pode ser acessado pelo endereço <http://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento>. (Acesso em 10/10/2014).

¹⁰ Segundo nota do *Ministry of Foreign Affairs* divulgado no site <http://www.mfa.gr/missionsabroad/br/brazil-br/bilateral-relations/political-relations.html>. (Acesso em 28/10/2014).

¹¹ O site do *Ministry of Foreign Affairs* informa que há cerca de 1.500 famílias de origem grega no México. Site <http://www.mfa.gr/missionsabroad/es/mexico-es/bilateral-relations/cultural-relations-and-greek-community.html>. (Acesso em 28/10/2014)

¹² *Total Ancestry Reported Unitates States Census Bureau* 2010. Site http://factfinder2.census.gov/faces/tableservices/jsf/pages/productview.xhtml?pid=ACS_10_1YR_B04_003&prodType=table. (Acesso em 04/12/2014)

¹³ *Statistics Canada: Ethinics origins 2006 counts Canadá provinces and territories*. Site <http://www12.statcan.ca/census-recensement/2006/dp-pd/hlt/97-562/pages/page.cfm?Lang=E&Geo=PR&Code=01&Table=2&Data=Count&StartRec=1&Sort=3&Display=All&CSDFilter=5000>. (Acesso em 28/10/2014).

¹⁴ Para maiores informações sobre a história dos gregos no Chile acessar a página do *Ministry of Foreign Affairs* pelo link <http://www.mfa.gr/missionsabroad/es/chile-es/bilateral-relations/greek-community.html>. (Acesso em 28/10/2014).

¹⁵ FERNANDES, Maria das Graças. Gregos no Brasil. Rio Grande do Sul: Letra & Vida, 2009, p. 155.

uma imigração pouco registrada e que muitos desconhecem a sua existência, o uso de alguns dados e estatísticas sobre a ocupação nas Américas irão ajudar na compreensão da abordagem central, e facilitar o entendimento dessa análise de micro história num plano estrutural. Pois a história da sociedade seria uma colaboração entre modelos gerais de estrutura e mudança social e o conjunto específico de fenômenos que de fato aconteceram (HOBBSAWN, 1998, p. 92).

A existência de uma grande comunidade grega dentro dos Estados Unidos pode ser explicada pelos fluxos imigratórios do final do século XIX até a metade do século XX. Conforme dados divulgados por Polyzos (1947 apud FERNANDES 2009, p. 53), entre 1860 e 1885, a taxa média anual de mortalidade do País ficou em 20% enquanto a de natalidade foi, no mesmo período, de 27%, não havendo nada de anormal na taxa de crescimento demográfico que justificasse a grande saída de pessoas em busca de sobrevivência em terras distantes.

O grande problema é que o crescimento populacional não vinha sendo absorvido pelas condições socioeconômicas do país. Segundo Fernandes:

A falta de oportunidades para absorver a mão de obra, a capacidade de trabalho e a criatividade desses emigrantes, economicamente ativos na população grega, foi citada em alguns meios intelectuais da Grécia (FERNANDES, 2009, p. 53).

O jornal Sphaira relatava as diversas oportunidades desenvolvimento na Grécia, mas que eram inexploradas por falta de iniciativa governamental, entre elas estariam a construção de ferrovias, construção do Canal de Corinto, drenagem do Lago de Copais e cultivo dos campos da Tessália (Saloutos, 1964 apud FERNANDES, 2009, P. 53)¹⁶.

Não eram apenas os jornais que relatavam essa cena, em 1887 o Cônsul estadunidense em Atenas, William Moffet emitiu uma nota para o Departamento de Estado dos Estados Unidos mostrando preocupação com a tendência de aumento da emigração grega para os Estados Unidos, ainda mais por se tratar na sua grande maioria de jovens, que ouviram falar sobre as ótimas e fáceis condições financeiras que poderiam ser adquiridas. No mesmo ano um agente consular de Pireus, chamado A. C. McDowell, que era um grande conhecedor da língua e cultura grega, através de sua experiência de convívio entre os gregos, confirmava as teses da

¹⁶ SALOUTOS, T. *The greeks in United States*. Cambridge – Massachusetts: Havard University Press, 1964.

imprensa, de que a causa central dos movimentos emigratórios gregos, era a falta de oportunidades proporcionadas pelo o seu próprio país (Saloutos, 1964 apud FERNANDES, 2009, p. 54).

Dados divulgados por Polyzos (*Annuaire Statistique de La Grèce. Athenes: 1939*, p. 435. Apud Polyzos, 1947), de 1824 a 1880, informam que emigraram da Grécia para os Estados Unidos 308 indivíduos, chegando a 427 nos cinco anos seguintes. No quinquênio seguinte, aumentou mais de quatro vezes em relação ao período anterior, atingindo 1.881 emigrantes gregos que partiram da Grécia rumo aos Estados Unidos de 1886 a 1890 (1947 apud FERNANDES, 2009, p. 55).

Na última década do século XIX a emigração grega atingiu uma cifra de 15.979 (Polyzos, 1964 apud FERNANDES, 2009). Esse crescimento da emigração, que se estenderia para o século XX, foi impulsionado pela decadência da produção de passas de uva, produto que a Grécia havia se tornado grande fornecedora da Europa no século XIX com a decadência da França que teve sua produção afetada por uma praga. A quase monocultura desse produto impossibilitou a recuperação rápida do país a partir de outras plantações que demandariam um bom tempo. As cifras das exportações, em 1903, reduziram-se em torno de 50% em relação aos anos de pico nas vendas do produto do mercado externo (Kitroeff, 1992 apud FERNANDES, 2009, p. 57).

Segundo apurou Kitroeff, 1907 foi o ano de maior entrada de imigrantes gregos nos Estados Unidos, sendo no primeiro quartel do século XX o registro de 46.283 indivíduos. Em 1914, o segundo maior ano de entrada de imigrantes, temos uma entrada de 45.881 gregos (Kitroeff, 1992 apud FERNANDES, 2009, p. 63).

Na década de 1920, ocorreu a desaceleração da emigração grega transoceânica para os Estados Unidos, e aumentou a entrada de imigrantes gregos nos países latino-americanos e no Canadá. Mesmo assim segundo o *Annuaire Statistique de La Grèce*¹⁷ a soma do número de emigrantes gregos que entraram em outros países não ultrapassou o total de imigrantes que entraram nos Estados Unidos, que possuía de 1922 a 1930 um total de 41.173 imigrantes contra a soma de 21.061 de outros países americanos (Polyzos, 1947 apud FERNANDES, 2009, p. 66).

¹⁷ *Annuaire Statistique de La Grèce*, Athenes, 1939, p.435.

Nesse mesmo período segundo Kitroeff (1992 apud FERNANDES, 2009, p. 71) há alguns dados da imigração grega para o Canadá, sendo que existem poucos índices estatísticos confiáveis dessa imigração para esse país. Em 1931, entre a população canadense existiam 9.450 habitantes de origem grega, sendo 5.579 dos quais nascidos na Grécia.

No caso de um país sul americano Kitroeff (Ibidem) destaca que são escassas as fontes a respeito da imigração grega. A Argentina em seus dados oficiais sobre a imigração revelam que, em 1939, entraram no país 330 pessoas de nacionalidade grega, ao passo que saíram 344 da mesma nacionalidade¹⁸. Essa mesma fonte informa, que no ano de 1941, entraram na Argentina 356 e saíram 324, e que no ano seguinte as cifras foram de 369 e 315, respectivamente (Kitroeff, 1992, apud FERNANDES, 2009, p. 71).

Quando entramos em território brasileiro um dado importante no que se refere a essa comunidade é que a cidade de Florianópolis abriga a colônia grega mais antiga do país e a única do continente americano que possui data cívica própria e que se ombreia às demais datas religiosas da Grécia. A comunidade oficial é definida com um nome específico, que segundo Fernandes:

As *kinótitas* são entidades que não se atêm à organização de eventos meramente recreativos, mas cumprem, no processo de aculturação dos membros de origem étnicas helênicas, na sociedade brasileira, a função de preservar as tradições culturais gregas e o sentimento telúrico em relação à Grécia, a serem transmitidos de geração a geração entre os descendentes de imigrantes gregos (FERNANDES, 2009, p. 136).

Sobre essa colônia na Ilha de Santa Catarina Paschoal Pítsica relata:

Essa *Kinótita de Florianópolis*, de tanto passado e história, há mais de 80 anos já era considerada pela Secretaria Geral dos Assuntos Gregos no Exterior, do Ministério das Relações Exteriores da República da Grécia, como uma entidade oficial a congregar helenos da diáspora na América do Sul (PASCHOAL PÍTSICA, 2003, p. 28).

Tem-se o costume de contemplar a Grécia via sua história antiga, mas pouco se sabe sobre a história moderna e menos ainda sobre a imigração para o Brasil. Em geral há poucos dados estatísticos sobre a imigração grega para o Brasil. Esses imigrantes sempre são englobados em cifras que aparecem como outras

¹⁸ República Argentina, 1940, p. 19. Apud Kitroeff, 1992, p. 87.

nacionalidades que entraram em território nacional, apenas para complementos ilustrativos de quadros estatísticos. Segundo Fernandes (2009) são poucas as informações disponíveis acerca da vida desses imigrantes gregos e a sua contribuição para construção da sociedade brasileira. Também não há informações bibliográficas sobre os problemas de aculturação e formas de assimilação desses imigrantes dentro da sociedade brasileira.

Ressalva-se alguns esforços de membros das comunidades de imigrantes gregos, com trabalhos que procuram trazer esse interesse para o meio social, como é o caso do livro "Os Guardiões das Lembranças - Memória e Histórias dos imigrantes gregos no Brasil", de Vassiliki Thomas Constantinidou, em edição independente, que registra através de relatos orais a história dessa comunidade. Também o livro Memória visual da colônia grega de Florianópolis, de Paschoal Apóstolo Pítsica, que com fotografias e textos tenta montar os registros desses imigrantes na Ilha de Santa Catarina, e que compõe a população do nosso país e faz parte da vida brasileira há quase 170 anos.

Conforme publicações dos organizadores do VI Encontro das Comunidades Helênicas da América Latina (Gramado, 1992 apud FERNANDES 2009, p. 80), não se sabe o período exato em que os primeiros imigrantes gregos desembarcaram e se fixaram em território brasileiro. Segundo o professor Constantino Comninos:

Historicamente, em um esforço de raciocínio, pode-se dividir a presença grega no Brasil em três grandes fases. A primeira trata da vinda de poucos gregos para o litoral do Rio de Janeiro e para São Paulo, de meados do século passado (XIX) até o início da Primeira Grande Guerra. Ainda neste período, saliente-se a leva de trabalhadores para construção da ferrovia Madeira-Mamoré, além da presença significativa no litoral sul (Santa Catarina e Paraná). A segunda fase é representada por um grupo mais numeroso, e que se estabelece com atividades comerciais nos grandes centros urbanos como São Paulo, Rio de Janeiro, Niterói. Nesta fase, um número maior de famílias se instala nas cidades do litoral sul. A partir desta fase, nota-se a preocupação destes imigrantes em matricular seus filhos nas universidades, fato que prosseguiu com maior intensidade durante a II Guerra Mundial e anos posteriores. É a presença grega no leque de carreiras das profissões liberais. A terceira fase é a mais dinâmica e ocorre após a II Grande Guerra. É representada pela maciça presença de gregos em São Paulo (cerca de 30.000), Rio de Janeiro (5.000), Brasília (início de 1957), Curitiba, Porto Alegre (a maioria representada por gregos originários da Rumênia), alguns poucos em Belo Horizonte, Salvador e em esparsas cidades do interior nas regiões cafeeicultoras (São Paulo e Paraná) e em áreas de colonização pioneira (COMNINOS, 1994, p. 6-7).

Há registro da chegada de gregos ao Brasil no ano de 1841, com o império de Dom Pedro II. Segundo Kitroeff (1992 apud FERNANDES 2009, p. 84) relata a

existência de uma pequena comunidade grega no Rio de Janeiro, de 1840, constituída por elementos ligados a grandes empresas comerciais.

Tratasse principalmente da família Calógeras advinda da Ilha Corfu¹⁹, sendo o chefe familiar João Batista Calógeras, que era diretor da Secretaria do Estado dos Negócios do Império e 1º Oficial do Gabinete no Ministério dos Negócios Estrangeiros. Em 1850 houve a fundação do Colégio dos Meninos no Rio de Janeiro com frequência de 86 alunos²⁰ pelo senhor Calógeras, que já era professor no colégio Dom Pedro II.

Kitroeff (Ibidem) coloca que esses membros seriam os antepassados de Pandiá Calógeras, que foi Ministro da Economia do Brasil em 1916. A Revista do VI Encontro das Comunidades Helênicas da América Latina relata da seguinte maneira os familiares do Ministro Calógeras:

Temos, porém, dados de que em 1841 desembarcou no Rio de Janeiro, Ioannis ou Michael Kalógeras e sua esposa Ioulia procedentes da Ilha de Kerkira, pais de Pandiá Calógeras, o qual se destacou na vida política brasileira, entre os anos de 1914 e 1919 (Gramado, 1992, p. 24).

Esses primeiros registros são de famílias que participavam do projeto de desenvolvimento do Brasil na época do império por isso não eram consideradas colônias.

Ainda no século XIX têm a vinda da família Leonardos, que eram industriais e na qual possuía membros que serviram por longos anos como Cônsules Gerais Honorários da Grécia.²¹

Em Santa Catarina consta nos relatórios provinciais a presença de pelo menos dois imigrantes gregos, um em Brusque²² no ano de 1864 e outro em Blumenau²³ no ano de 1875.

¹⁹ É uma ilha grega do mar Jônico situada na costa da Albânia, sua capital é a cidade de Corfu.

²⁰ TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 3 de março de 1956. Retirado do site do Curso de História de Petrópolis http://www.ihp.org.br/lib_ihp/docs/jfan20060423b.htm. (Acessado em 14/10/2014).

²¹ O site <http://www.archive.org/stream/relatrio01medegoog#page/n297/mode/1up>, que aponta o Relatório do Ministério das Relações Exteriores de 1899, traz a lista de Cônsules do Brasil. (Acessado em 15/10/2014).

²² SANTA CATARINA, Governo Provincial. Relatório do Presidente da Província de Santa Catarina, o doutor Alexandre Rodrigues da Silva Chaves, apresentado à Assembléia Legislativa Provincial na 2ª sessão da 12ª legislatura em 1º de março de 1865. Santa Catharina: Tipografia Catarinense de Ávila & Rodrigues, 1865, pp. 24 e 25.

²³ SANTA CATARINA, Governo Provincial. Fala com que o Exmo. Sr. Dr. João Capistrano Bandeira de Mello Filho abriu a 1ª sessão da 21ª legislatura da Assembléia Legislativa da Província de Santa Catharina em 1º de março de 1876. Cidade do Desterro: Tipografia de J. J. Lopes, 1876, p. 83.

Segundo Paschoal Apóstolo Pítsica há registros da chegada de gregos antes de 1883 em Florianópolis. Pois segundo ele por volta de 1864 e 1879, Antônio Nicolas Michallis teria se casado na Ilha de Santa Catarina. Consta na sua certidão de casamento que ele é de nacionalidade grega, casado com a senhora Maria Catharina Sicatti, e no documento ainda consta que seu filho Michaela Marirso, também era de nacionalidade grega.²⁴

Porém o registro feito em algumas obras acerca da colonização grega em Santa Catarina considera a chegada dos primeiros Gregos na primavera de 1883²⁵. O veleiro *Lefki Peristerá*²⁶ comandado pelo capitão Savas Nicolau Savas, com origem da ilha *Katelórizon*²⁷, na volta de uma viagem com destino a Montevideu teria parado em Desterro e permanecido por mais tempo devido à semelhança da Ilha com a terra natal dos gregos que ali desembarcaram. Na parada uma parte da tripulação permaneceu na ilha, que voltaria a receber mais gregos na segunda passagem, já no ano de 1889, do Capitão Savas que traria mais alguns familiares e também fixaria residência no local.

Separando a imigração grega por etapas, conforme classificação do professor Constantino Comninos, esse pode ser determinado como o primeiro período, que era composto praticamente de algumas figuras centrais ligadas a criação de empresas e a política como forma de trazer desenvolvimento ao Império.

A segunda fase da imigração grega ocorre entre 1908 e 1940, com a vinda de mais famílias dedicando-se principalmente a atividade de comércio. Segundo dados da entrada de imigrantes no Brasil, através do Porto de Santos, de 1908 a 1926, se teve um total de 1.361 gregos, dos quais 1.004 (em torno de 74%) foram classificados como trabalhadores artesãos ou de profissões diversas, e os restantes 357 (26%) como agricultores (FERNANDES, 2009, p. 100). Um exemplo é a família Zarvos, que veio da ilha de Rodas²⁸, e se instalou em São Paulo na cidade de Lins, constituindo em 1928 a empresa Maquina de Beneficiar Algodão Nicolau Zarvos e Vito Labate²⁹. Em Florianópolis famílias vieram também nesse período abrindo

²⁴ PÍTSICA, Paschoal Apóstolo. **Memória visual da colônia grega de Florianópolis**. Florianópolis: Irineu Karasiak, 2003, p. 18.

²⁵ PÍTSICA, Savas Apóstolo. **Gregos no Brasil**. Florianópolis, 1983.

²⁶ A tradução para o português seria Pomba Branca.

²⁷ Uma pequena ilha que é o ponto territorial mais oriental da Grécia, próxima a Chipre e a Turquia.

²⁸ Maior das ilhas do Dodecaneso situada na região do Egeu.

²⁹ SCHIAVON, Tais. **O avanço da indústria no oeste paulista: o Ramal Ferroviário da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil**. In: Saberes eruditos e técnicos na configuração e reconfiguração

pequenos comércios de secos e molhados e tecidos, ocupando as principais ruas próximas aos trapiches da baía sul.

Outro dado interessante dos imigrantes gregos que entraram pelo Porto de Santos é que a grande maioria dos indivíduos eram solteiros e do sexo masculino. Dos 1.361 imigrados, 1.182 eram do sexo masculino, 1.103 eram solteiros, 179 mulheres, e o número de famílias somava apenas 69 (FERNANDES, 2009, p. 101).

De 1927 a 1930 houve um volume de imigrantes gregos que se aproxima do total de 1908 a 1926. Em quatro anos entraram 896 gregos no Brasil (Brasil, 1952 apud FERNANDES, 2009, p. 113)³⁰, sendo que esses anos foram marcados pela crise da economia brasileira agroexportadora baseada na monocultura do café. Segundo Fernandes (2009, p. 113) esse movimento inverso da imigração grega em comparação com a italiana e a espanhola, que tiveram suas cifras diminuídas em grande escala, ocorre devido às medidas restritivas à entrada de estrangeiros nos Estados Unidos e pelo incipiente, porém já perceptível processo de urbanização e industrialização brasileiro.

Na década de 1930 com a crise na economia mundial os níveis de entrada de imigrantes gregos no Brasil apresentaram uma queda acentuada, com níveis inexpressíveis quanto os do início do processo imigratório, com uma média anual de 16 imigrantes (FERNANDES, 2009, p. 120).

A terceira fase da imigração, considerando o período pós segunda guerra mundial, é a de maior fluxo, com o registros que indicam a vinda de mais de 5.000 gregos, onde chegariam com a proteção do Comitê Internacional das Migrações Europeias. Porém o cenário nacional de imigração não foi o de maior movimento, registrando 622.584 imigrantes, número superior aos 285.000 indivíduos estrangeiros da década 1930, mas inferior a década de 1920, que se tem o registro de 835.000 imigrantes, conforme dados apurados por Diegues Jr³¹, no Instituto Nacional de Imigração e Colonização (1985, apud FERNANDES, 2009, p. 133).

do espaço urbano: São Paulo, séculos XIX e XX
Projeto temático Fapesp nº 05/5538-0. Coordenado por Maria Stella Martins Bresciani, Ciec – IFCH – Unicamp, 2011.

³⁰ BRASIL. Boletim do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, ano 3, 31 mar. 1952.

³¹ DIÉGUES Jr. M. **Imigração, urbanização e industrialização**. Brasília: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, Ministério da Educação e Cultura, 1985.

De 1945 a 1958 os imigrantes gregos apareceram nas estatísticas como a oitava nacionalidade com maior entrada para o Brasil, somando 9.395 indivíduos, que representavam 1,5% da massa imigratória desse período (Diégues Jr., 1985 apud FERNANDES, 2009, p. 134).

Nesse período de maior fluxo, na política tinha destaque o descendente grego Jorge Lacerda, que ocupou o cargo de Deputado Federal de 1950 a 1955, e de Governador do Estado de 1955 a 1958³². Essas notícias de imigrantes e descendentes gregos bem sucedidos devem ter influenciado positivamente as decisões dos emigrantes que saíram para o Brasil voluntariamente ou aconselhados por órgãos oficiais conforme relata Fernandes (2009, p. 135).

Outra fonte que informa alguns dados acerca da imigração nessa terceira etapa é a tabela divulgada no 34º Encontro Anual da Anpocs³³, e que confirma o número expressivo de imigrantes gregos que estavam entre os maiores do período por nacionalidade trazendo um número total de 5.732.³⁴

Pela soma desses três períodos de imigração grega chegasse a um número de mais de 13 mil gregos. Uma matéria feita pela revista Veja calculava que durante o final do século XIX e todo século XX mais de 15 mil gregos imigraram para o Brasil³⁵, sendo que suas maiores concentrações estão em São Paulo, Paraná e Florianópolis.

Esses dados não pretendem substituir os vários sujeitos da história por números, e nem seus comportamentos e experiências por médias, mas se faz necessário devido ao quase desconhecimento dessa imigração e para compreensão mais ampla do meu objeto de estudo.

³² PÍTSICA, Savas Apóstolo. **Gregos no Brasil**. Florianópolis, 1983, p. 62.

³³ Tabela retirada do trabalho de Maria do Rosário Rolfsen Salles e Sênia Regina Bastos do 34º Encontro Anual da Anpocs ST21: Migrações em trânsito: produção, circulação e consumo em questão. Disponível no site: http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=1561&Itemid=350. (Acessado em 20/10/2014).

³⁴ Anexo I.

³⁵ Os dados são da revista Veja de São Paulo numa matéria de 07 de outubro de 2009, em que calcula que até 1960 cerca de 15 mil gregos viviam em São Paulo. A matéria está disponível no site <http://vejasp.abril.com.br/materia/gregos-em-sao-paulo-sucesso-nostalgia>. (Acesso em 22/10/2014).

CAPÍTULO II - Obra “Os Gregos no Brasil”

A análise do livro será feita levando em conta a compreensão do seu período de produção, pois a intenção é verificar como o contexto cultural da época influenciou na construção da obra, e como os fatores desse contexto proporcionaram o surgimento de idéias de identidades, de lugares de memória e invenção de tradições enraizadas a questão da imigração.

A historiografia Catarinense pode ser dividida em três grupos segundo a professora da Universidade Federal de Santa Catarina, Cristina Scheibe Wolff³⁶. O primeiro seria formado de obras que se dizem respeito ao Estado Catarinense como um todo, e que geralmente dariam grande importância a eventos políticos e militares. O segundo grupo caracterizaria pelo âmbito municipal, local, e o terceiro grupo produziria uma história centrada em tema e questões-problemas.

Complementando essa classificação, no que diz respeito ao cunho teórico-metodológico que trabalha com a questão da delimitação do objeto, praticamente boa parte das obras históricas são orientadas pela chamada história tradicional. Segundo a professora Cristina Wolff:

Em Santa Catarina, por exemplo, boa parte do conhecimento histórico sobre as diversas regiões só pode ser obtido em obras com esse tipo de orientação metodológica (WOLFF, 1994, p. 6).

Para exemplificar essa orientação teórico-metodológico e seguindo o mesmo esquema utilizado por Wolff (1994), podemos citar Peter Burke³⁷ e seus conceitos que definem a diferença entre a chamada *nova história* da *história tradicional*, e no qual são destacados seis pontos principais.

1. O paradigma tradicional espelha-se numa abordagem essencialmente política da história, já a nova história vai interessar-se em princípio por toda atividade humana.

2. A história tradicional faz uma narrativa linear dos acontecimentos. Já a nova história vai se preocupar com a análise de estruturas, processos, ou dos próprios acontecimentos.

³⁶ Professora do Departamento de História da UFSC, que produziu um artigo acerca da Historiografia catarinense para Revista Catarinense de História em 1994 nº 2.

³⁷ BURKE, Peter. **A Escrita da História**. São Paulo: UNESP, 1992. p. 7-37.

3. No modo tradicional a história tem sido vista de cima, se concentrando em grandes feitos dos grandes homens, gerais e eclesiásticos, as que constam nos documentos oficiais. Os novos historiadores tem se preocupado com uma história vista de baixo, onde há o interesse na experiência das pessoas comuns.

4. A história tradicional privilegia o uso de fontes tidas como registros oficiais, emanados do Estado e guardados em arquivos, retirando a credibilidade da utilização de quaisquer outros tipos de evidência ao qual a nova história tem recorrido com freqüência, como a história oral, as fontes iconográficas, acervos particulares, entre outras, que permitem um campo de visão maior acerca de um assunto.

5. O modelo explicação histórica proposto pelo método tradicional visa se restringir a atuação de personagens que estão em evidências na documentação. A nova história abre mais esse ramo de possibilidades preocupando-se não somente com indivíduos, mas com movimentos coletivos.

6. Para a história tradicional o modelo *rankeano*³⁸ de uma história objetiva deve ser seguido. Ou seja, uma história contando os eventos como eles realmente aconteceram. Já a nova história acredita que essa seja uma ideal irrealista, pois nosso olhar de historiadores está sempre colocado sobre uma perspectiva. Assim ela aborda a idéia de que todo o olhar humano sobre um passado está carregado pela cultura, língua, posição social e política do indivíduo. Assim Peter Burke coloca o projeto de Heteroglossia, onde temos os diversos pontos de vista acerca da história.

Segundo Cristina Wolff (1994) as abordagens historiográficas catarinenses podem ser classificadas em três grupos: Abordagem estadual tradicional; Abordagem local tradicional; Abordagem temática.

A abordagem estadual tradicional da historiografia catarinense está bastante atrelada à descrição de sua trajetória política, dividindo assim seu período histórico em três: Colônia (até 1822), Império (1822 a 1889) e República (1889 em diante), acordando com a periodização política nacional (WOLFF, 1994, p. 8).

Junto com a grande ênfase que é dada aos fatos políticos e militares, as obras se preocupam também com nomes ilustres, políticos, empresários, religiosos, com biografias e cronologias referentes a esses personagens. Tudo que foi

³⁸ Modo atribuído a o historiador Leopold von Ranke que foi um dos maiores historiadores alemães do século XIX, e é frequentemente considerado como o pai da "História científica".

classificado como sendo parte de conceitos de uma história tradicional exposto pelo esquema acima montado por Burke.

Como autores desse tipo de abordagem podem citar Walter Piazza, com a sua obra *Santa Catarina: Sua História*³⁹, Oswaldo Rodrigues Cabral em *História de Santa Catarina*⁴⁰, e Jali Meirinho como *A República*⁴¹. Assim como outras obras que seguem o mesmo estilo, têm servido como referência a muitas produções historiográficas de âmbito local ou temático (WOLFF, 1994, p. 9).

As referências há esses autores devem ser observadas não somente nos dados informados nas obras, mas também no método de escrever a história. Muitas obras escritas a respeito da sociedade de Florianópolis, como História Sócio - Cultural de Florianópolis de coordenação de Osvaldo Ferreira, a Contribuição Grega de Paschoal Apóstolo Pítsica, Gregos no Brasil de Savas Apóstolo Pítsica, são realizadas por profissionais que não estão ligados ao um estudo histórico, e que refletem no modo de escrita uma influencia baseado nas metodologias utilizadas pela abordagem tradicional, conforme alguns autores citados anteriormente e vinculados ao Instituto Histórico e Geográfico Catarinense. Porém esses trabalhos irão se encaixar melhor no segundo tipo de classificação onde temos a abordagem local tradicional.

Essas obras apesar de narrarem somente os fatos, quase sempre se esquecem de citar as fontes utilizadas e os arquivos em que poderiam ser encontrados, o que dificulta o aprofundamento do assunto e a sua conferência. Segundo a professora Cristina Wolff:

Esta forma narrativa, que omite as fontes e gera a impressão de um conhecimento verdadeiro e único, faz parte do modelo de história tradicional já descrito e contrasta vivamente com as novas formas narrativas a que nos referimos (WOLFF, 1994, p. 9).

A abordagem local tradicional abrange uma grande quantidade de obras de âmbito municipal, fruto de um interesse solitário de historiadores, muitas vezes amadores (WOLFF, 1994, p. 9).

³⁹ PIAZZA, Walter Fernando. **Santa Catarina: Sua História**. Florianópolis: UFSC/Lunardelli, 1983. p. 404-437.

⁴⁰ CABRAL, O. R. **História de Santa Catarina**. 3 ed., Florianópolis: Lunardelli, 1987 (1 ed. 1968).

⁴¹ MEIRINHO, Jali. **A República em Santa Catarina, 1889-1900**. Florianópolis: UFSC, 1982.

Esses autores muitas vezes fazem uma delimitação do objeto de estudo, em que a localidade é apresentada como um meio isolado separado como um conjunto cultural sem interferências, onde observasse a falta de uma análise dentro de um plano mais amplo.

Como Wolff (1994, p. 10) exemplificou citando o livro sobre a região de Lages, de autoria de Licurgo Costa⁴², que reúne diversos fatos, que vão desde a criação do primeiro time de futebol aos acontecimentos da política local, que incluem biografias de políticos, fazendeiros, padres, além de fundações de associações beneficentes e clubes sociais. A obra “Os gregos no Brasil”, de Savas Apóstolo Pítsica, um das fontes analisadas nesse trabalho, também segue uma mesma linha de construção dos fatos, e assim como a obra anterior o único elo que existe entre todos os aspectos narrados é o local onde eles ocorreram. Tudo passando pelo destaque de figuras centrais desses imigrantes, ligadas à política ou diretamente a Igreja Ortodoxa Grega São Nicolau.

Novamente está abordagem historiográfica irá remeter as características da chamada *história tradicional*, que embora seja numa circunstância local continua com uma história *vista de cima*. Segundo Wolff:

É nessas histórias que aparece a figura do *fundador* da cidade, ou das principais famílias, muitas vezes presentes ainda na economia e na política. Há geralmente certa preocupação com a Toponímia – origem dos nomes dos lugares a que se refere –, e com a genealogia das principais famílias (WOLFF, 1994, p. 10).

Porém nessas narrações das cidades e seus arredores, realizados pelos autores de histórias locais, pode-se verificar a publicação de documentos interessantes e de relatos organizados de um passado, que abrem a possibilidade de um interesse por um passado por parte de um grupo menos restrito da população, baseadas em questões do presente. (WOLFF, 1994, p. 10).

A terceira e última abordagem classificada como temática pela professora Cristina Wolff, é a tendência mais atual de pesquisa histórica e que foge ao padrão tradicional estabelecido pelas divisões políticas do território brasileiro.

Essa proposta que já vinha sendo praticada no século XVIII, ganha forças e novas idéias com a formação da *Escola dos Annales*, fundada por Marc Bloch e

⁴² COSTA, Licurgo. **O Continente das Lagens: sua história e influência no sertão da terra firme**. Florianópolis: FCC, 1982, 5 vols.

Lucien Febvre em 1929⁴³. Que tem como sua principal proposta uma prática do historiador baseado na *história-problema*, ou seja, problematizar questões para serem respondidas, a fim de sair de uma simples narração dos acontecimentos. Assim houve uma preocupação no acesso a outras fontes que eram ignoradas pelos historiadores tradicionais, a troca de idéias com outras disciplinas das ciências sociais, e como um todo a possibilidade de fazer estudos com temas e processos antes colocados a margem.

Dentro deste contexto de abordagens historiográficas temos a ação da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina que procura registrar um passado unificado para o Estado, cujo nome ele carrega, de uma forma que transparece uma identidade única.

Segundo Élio Cantalício Serpa (1996), professor do departamento de história da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), a Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina passou por três fases: a primeira dura de 1902 a 1920, a segunda 1943 a 1944 e a terceira inicia-se em 1979 e iria até a presente data do artigo⁴⁴.

Serpa (1996) classifica a primeira fase como preocupada com a criação de um imaginário em torno da identidade catarinense, que pelo conjunto de textos publicados remontam a um passado distante, onde as páginas da Revista são majoritariamente ocupadas por figuras luso-brasileiras ou com fatos dos quais estes tiveram participação. O discurso estava montado então para uma identidade pelo passado de luso-brasileiros ilustres e estabelecidos no litoral.

A segunda fase da Revista mantém as mesmas preocupações constantes da primeira, buscando afirmar a identidade catarinense pelo seu passado luso-brasileiro, porém nesse momento surge a imagem do açoriano, que na primeira República eram vistos como indolentes. Dessa forma nessa fase a Revista continua assentada na faixa litorânea, mas com ênfase nas povoações que se iniciaram no Brasil colônia, como Nossa Senhora das Graças do Rio São Francisco, Santo Antônio dos Anjos de Laguna e Nossa Senhora do Desterro (SERPA, 1996).

⁴³ BURKE, Peter. **A Escrita da História**. São Paulo: UNESP. 1992. p. 17.

⁴⁴ SERPA, Élio Cantalício. **A identidade Catarinense nos discursos do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina**. Revista de Ciências Humanas, v. 14, n. 20, UFSC, 1996, p. 63-79.

Na terceira fase da Revista até 1987, período que engloba a fonte que será analisada nessa pesquisa, há um sensível crescimento de artigos referentes a outras cidades povoadas por outras etnias. Pode se dizer ainda que é a partir dos anos 80 vai existir em Santa Catarina um corpo de intelectuais ligados ao Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e a Instituições de Ensino Superior que irão buscar e difundir aquilo que nominaram como sendo peculiar ou característica em potencial da Identidade Catarinense (SERPA, 1996).

Estes intelectuais estando ligados ou fazendo parte do poder político, de lado conservador, vão dar sustentação teórica a um discurso montado entorno da Identidade Catarinense empreendido pelo Governo de Espiridião Amin. Suas propostas foram fundadas dentro do órgão do estado chamado Fundação Catarinense de Cultura (FCC), e receberam o nome de “Carta aos Catarinenses” e de “Cadernos de Cultura Catarinense”, dentro da gestão de 1982 a 1986.

Esses planos foram uma jogada para que houvesse a transferência de uma preocupação de um determinado grupo isolado na sociedade catarinense para todo o resto (SERPA, 1996). O artigo intitulado Identidade Catarinense de 1984, publicado por Victor Antônio Peluso⁴⁵, demonstra essa preocupação ao classificar essa Identidade Catarinense de Catarinensismo para aqueles que já faziam parte dessa comunidade, e de Catarinização para o processo de incorporação do povo que se encontrava afastado dessa comunidade:

Preocupação constante de largo segmento da população catarinense notadamente nos últimos anos, é a existência de hábitos culturais e políticos que caracterizam a comunidade que vive dentro dos limites do Estado de Santa Catarina. Como Estado federado, seu povo faz parte da nação brasileira, mas no âmbito regional deve ele diferenciar-se, por seus traços culturais próprios, dos habitantes das demais unidades (1984, p. 259).

Quando um discurso é lançado em vista de um grupo e em prol desse grupo, segundo Bordieu (1989)⁴⁶ ele se afirma em nome dele mesmo, consagrando-se, como algo digno de existir ao natural.

Assim como Peluso Júnior, diversos autores irão buscar na heterogeneidade do Estado identificações de traços culturais permanentes, esquecendo que a cultura

⁴⁵ PELUSO JÚNIOR, Victor Antonio. **A identidade Catarinense**. Florianópolis: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. 3. Fase, n. 5, 1984.

⁴⁶ BORDIEU, Pierre. **A identidade e a representação. Elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região**. In: O poder simbólico. Lisboa: DIFEL, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p. 116.

pode variar por se tratar de algo faz parte da vida de uma sociedade que está sujeita a passagem do tempo e as transformações por ele provocadas.

2.1 O Pioneiro

A obra “Os Gregos no Brasil” foi produzida em 1983 pelo professor adjunto da faculdade de medicina da Universidade Federal de Santa Catarina, Savas Apóstolo Pítsica. A sua abordagem trata da imigração e colônia grega para a Ilha de Santa Catarina, apresentando dados de sua fundação, costumes, fatos ligados à associação helênica e tradições. Nem todos os capítulos lançados no livro são de sua autoria, mas o arranjo da construção da obra ficou sobre sua responsabilidade, por isso a análise será feita em cima do ponto de vista da sua composição.

O tema de imigração e colonização em Santa Catarina, tem ao mesmo tempo, um objeto de pesquisa que envolve um sentimento de História e memória dos catarinenses e um veículo ideológico. Segundo Carola, Wolff e Silva:

De um modo geral, o conhecimento histórico sobre a colonização é produzido e difundido por instituições e pesquisadores da área científica ou acadêmica e por atores sem vinculação ou formação científica (CAROLA; WOLF; SILVA, 2011, p. 306).⁴⁷

É fora do ambiente acadêmico que se tem a predominância de interesses na profusão de ideologias e símbolos.

O autor segue uma linha chamada positivista dentro da história, onde logo no primeiro capítulo podemos perceber a clara ideologia da consagração em torno de uma imagem heroica que é colocada ao determinado precursor da imigração grega.

Para uma formação ideológica e para construção de uma evolução histórica, a determinação de uma data de fundação se faz necessário. A fim de criar um marco civil legitimando a cultura dentro do Estado e fortalecendo a sua afirmação e existência diante da sociedade. Em Santa Catarina na década de 1980 temos uma crescente difusão da Historiografia Crítica (Marxista e Nova História), para Carola, Wolff e Silva:

⁴⁷ CAROLA, Renato Carlos; Wolff, Cristina Scheibe; Silva, Janine Gomes da. A Historiografia de Santa Catarina: olhares sobre os últimos 50 anos. In: GLEZER, Raquel (Org.). **Do passado para o futuro: edição comemorativa dos 50 anos de Anpuh**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 306.

Entretanto, a Historiografia Crítica não somente convive em seu próprio habitat acadêmico com uma Historiografia Positivista, como também se depara com uma influente Historiografia não acadêmica de produção local, que não cessa de propagar a ideologia dos pioneiros e a tradicional visão da “evolução histórico-econômica” (CAROLA; WOLF; SILVA, 2011, p. 307).

O primeiro capítulo possui a citação das fontes utilizadas para formar a biografia do capitão, mas que serão as mesmas direcionadas para reforçar o caráter de legitimação da fundação da colônia grega em Desterro, como se tudo girasse entorno da narração de “grandes” fatos ligados a vida do Capitão Savas Nicolau Savas.

A data de início da colonização grega na Ilha de Santa Catarina, pela obra, é o ano de 1883, que é quando o capitão Savas Nicolau Savas retornando de uma viagem de Montevideu faz uma parada em Desterro. Esse ano é tido como oficial da origem da colônia grega, que à partir do ano de seu centenário em 1983 vem comemorando todo dia 21 de setembro sua fundação.

A indicação do autor é que a parada na Ilha, após o retornar de Montevideu, foi porque ela guardava semelhanças com *Kastelórizon*, terra de origem do Capitão Savas, dando um olhar accidental ao desembarque de alguns gregos próximos do capitão que ficariam para estabelecer moradia. A identidade desses gregos não é revelada, mas o fato relevante para o início da colônia grega não foi o desembarque dessa população mais sim a chegada do Capitão Savas que teria seguido viagem de retorno a Europa.

Devido à localização territorial da sua terra de origem, os gregos de *Kastelórizon* trabalhavam muito com o comércio marítimo. Essa ilha é o ponto mais oriental da Grécia tendo extrema proximidade com os territórios da Ásia. A proximidade dava a possibilidade de se explorar o transporte marítimo de produtos desse continente para a Europa, uma atividade de grande importância visto que a ilha não tinha espaço para a criação de grandes rebanhos e nem uma terra fértil para plantações.

O comércio era a atividade mais explorada por esses gregos, e se por algum motivo eles abandonassem essa terra as razões para a escolha de outro lugar não poderiam estar desvinculadas da idéia de um melhor uso dessas suas atividades. A Grécia não passava por uma boa época de exportações, visto que a grande produção de passas de uva, sua principal fonte de rendimentos, estava decaindo devido à concorrência da França. Muitos gregos decepcionados com os rendimentos

da agricultura e com a vida dura que ela proporcionava, dariam preferências a trabalhos em centros urbanos.⁴⁸

Segundo Kitroeff, a respeito da vinda de imigrantes gregos para o Brasil, na análise de matérias e artigos da imprensa grega no início do século XIX, o escasso movimento de saída de emigrantes gregos para o Brasil, principal pólo de atração para emigrantes dentro da América do Sul, estariam relacionados com dois fatores: falta de oportunidades no meio urbano, e a falta de incentivo por parte dos órgãos oficiais de emigração da Grécia que patrocinassem empreitadas de emigração com destino ao Brasil, em função das incertas esperanças de sucesso que o país oferecia (1992 apud FERNANDES 2009, p. 94).

Certamente á Florianópolis do final do século XIX não era um grande meio urbano na qual os gregos estavam acostumados a trabalhar como a cidade de Esmirna na Turquia. Mas a localização da cidade para rotas aos países de Uruguai e Argentina despertou grande interesse do capitão Savas para atividade de comércio, que já tinha uma experiência proporcionada pela localização da ilha de *Kastelórizon*, que ficava numa localidade geográfica estratégica para as rotas marítimas entre a Europa e Ásia. Essa informação não contradiz o que o autor relatou acerca da semelhança entre as ilhas, mas essa informação foi privilegiada, pois dava uma ideia de identidade com o território catarinense, que as razões econômicas e financeiras não dariam. Segundo Fernandes:

Com a cultura de tradições mercantis marítimas, cruzarem o Atlântico em viagens de idas e vindas até se estabelecerem definitivamente em território brasileiro para muitos gregos não deve ter representado nenhum fato muito fora do comum às suas disposições culturais e psicológicas (FERNANDES, 2009, p. 140).

Toda essa iniciativa veio do próprio bolso, até porque o Brasil era um país agrário e os incentivos do governo estavam voltados para essa atividade, e não para o desenvolvimento do comércio nas cidades. Isso leva a crer que o capitão era um homem com condições financeiras acima da média da população grega, visto que os registros publicados na imprensa grega de outros imigrantes gregos que estavam vivenciado no Brasil do final do século XIX, vindos do Peloponeso, eram de uma forma de vida difícil (FERNANDES, 2009, p. 95).

⁴⁸ Verificar a página 15 desse trabalho que informa mais informações sobre a produção.

Uma dessas notícias que foram divulgadas se encontra no jornal *Neos Anion*, e relata que o cônsul grego no Brasil tivera de socorrer a 500 gregos que estavam famintos, sem roupas para vestir e sem casa para morar. No mesmo jornal, porém vinha um relato de uma pessoa identificada como Petros P. Polyzopoulos, que destacava que no Brasil havia excelentes oportunidades de sucesso econômico através do café (Kitroeff, 1992 apud FERNANDES 2009, p. 95).

A vinda de um grego para o Brasil era cheia de incertezas, ainda mais com a grande mão de obra existente no território direcionada para o campesinato, vida dura que a grande maioria dos emigrados da Grécia queria abandonar devido a crise da produção de uvas passas.

Somente a certeza de um negócio bem sucedido faria um grego se estabelecer em território brasileiro. Esse negócio englobava outros territórios fora do Brasil, por isso o capitão Savas retornaria uma segunda vez com seus pais Nicolau e Edoquia Savas, seu irmão Miguel Savas e seu cunhado médico Dr. Constatino Nicolau Spyrides para fixar residência em Desterro no ano de 1889. Após o desembarque dos familiares ele segue a sua mesma rota no sentido a Buenos Aires e Montevideu. Segundo o autor ele negocia a venda do seu navio *Lefki Peristerá* (Pomba Branca), para montar um comércio na ilha de Santa Catarina.⁴⁹ O que nos leva a deduzir que o capitão Savas possuía negócios seguros por essa região, pois não estava com a ideia de voltar tão brevemente para Grécia, e a ilha de Santa Catarina seria seu porto de desembarque e embarque de mercadorias para dentro e fora do território brasileiro.

No livro o autor relata ainda diversas viagens, baseadas na carteira Naval do Capitão Savas, para outros lugares da Europa, antes de vir se estabelecer no Brasil, como Londres, Syro, Esmirna, Castelo em Portugal (PÍTICA, 1983 p. 42). Isso prova que certamente o capitão teve outras oportunidades para se estabelecer fora da Grécia, e que sua ideia de fixar moradia em Desterro foi algo pensado, e não tomado por impulso e emoção provocados por um território com mesmo clima e paisagem de sua terra natal.

Segundo o autor os novos vapores Tagus, Vesúvio e Nuevo Harinero, adquiridos de propriedade do Capitão Savas, fazem o serviço comercial de

⁴⁹ PÍTICA, Savas Apóstolo. **Gregos no Brasil**. Florianópolis, 1983, p. 5.

exportação de produtos de Santa Catarina para a Argentina, e esses teriam sido comprados com o sucesso da casa comercial do Capitão Savas.⁵⁰

Esse nos deixa mais um indício de que a escolha tinha sido planejada, pois a população da Ilha era na sua grande maioria de pescadores que viviam praticamente de um trabalho de subsistência, e pela narrativa a compra desses navios foram efetuadas um ano após a venda do seu primeiro. É difícil de acreditar que um negócio novo com apenas um ano pudesse lucrar de tal forma, se não tivesse firmado acordos comerciais.

Mais tarde as importações da Argentina para o litoral catarinense também seriam feitas pelos navios do Capitão com destino aos portos de Itajaí, Laguna e São Francisco.

A sua conexão com o território da Argentina era tão grande que em outra passagem o autor narra que no ano de 1913 ele torna-se proprietário de grande área de terras nas proximidades da Tapera e Ribeirão da Ilha, que posteriormente se localizaria o campo da Ressacada, e nela procura desenvolver a criação de gado bovino e ovino e de cavalos puro sangue vindos da Argentina (SAVAS PÍTSICA, 1983, p. 44).

Estando como precursor da imigração grega na Ilha de Santa Catarina o autor em vários momentos atribui a sua responsabilidade o convite para chegada de outras famílias gregas. Conforme o relato um ano depois, em 1890 novas famílias chegam a Desterro com os pedidos do capitão Savas. A chegada de Estefano Savas, outro irmão do Capitão Savas, Agapito Icomonos e Nicolau Tzelikis iriam ajudar a comandar os vapores da propriedade do Capitão Savas. Já em 1892 ele é nomeado Cônsul da República Argentina no Brasil, fica estabelecido em Desterro com casas comerciais e abre outras filiais em Paranaguá, no Paraná, em Montevideú e Buenos Aires.⁵¹

Certamente ele influenciou a vinda de muitas famílias para a Ilha de Florianópolis, talvez não de forma tão direta, mas a condição de sucesso dos pioneiros servia de atração para outros imigrantes, que diante das experiências bem sucedidas investiam suas próprias economias para agilizar a empreitada migratória.

⁵⁰ PÍTSICA, Savas Apóstolo. **Gregos no Brasil**. Florianópolis, 1983, p. 43.

⁵¹ *Ibidem*, p. 20.

Assim, quando de uma determinada região se inicia a emigração de indivíduos ou famílias que nada possuem, utilizando as facilidades de transporte gratuito concedido pelo país de imigração, os parentes e amigos que dispõem de alguns haveres aguardam o resultado da aventura que os primeiros empreenderam. Se esses são bem-sucedidos, se as notícias e as cartas chegadas à região de origem atestam as vantagens da nova existência em terra longínqua, os outros se animarão a tomar, espontaneamente, a iniciativa de emigrar, mesmo custeando as despesas de transporte. Esse é o caso da emigração espontânea de trabalhadores agrícolas e de pequenos proprietários rurais (VASCONCELLOS, 1941, p. 21).⁵²

O autor narra alguns fatos como que criando uma imagem carismática de herói do Capitão, que sempre esteve disposto a ajudar a população da ilha, e ao mesmo tempo mostrando a sua importância junto a figuras políticas. Por exemplo, há uma passagem no livro em que é relatado que o Capitão Savas navegava com seus navios sobre a bandeira da República da Argentina e no de 1894 ajudou na fuga de civis e militares que tinham pena de execução sobre as ordens do Coronel Antonio Moreira Cezar⁵³ devido a Revolta da Armada⁵⁴. Dois anos após o incidente o Capitão Savas inaugura o serviço de navegação a vapor ligando a Ilha de Santa Catarina à então cidade vizinha São José. O vapor denominado Aida segue com pessoas ligadas ao governo, como o Sr, Abílio de Oliveira, representante do Governador Dr. Hercílio Pedro da Luz; Coronel Antonio Moreira Cesar; tenente coronel Henrique M. de Abreu e Major José Maria dos Santos Carneiro Júnior e outras autoridades.⁵⁵

Outro relato que destaca a sua contribuição para com a população de Florianópolis é que em 1901 ele adquire dos Estados Unidos um motor movido à gasolina, que será usado no rebocador, para transportar gratuitamente qualquer cidadão entre a ilha e a ilha da Saudade, em Coqueiros, que ele havia comprado em 1896.⁵⁶

Até 1926, com a sua morte, o capitão Savas sempre é destacado junto a fatos políticos, a marcos oficiais e a narrativa de sua vida sempre culmina com o encontro

⁵² VASCONCELLOS, H. D. **Alguns aspectos da imigração no Brasil**. Boletim do Serviço de Imigração e Colonização, São Paulo, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, n. 3, 1941.

⁵³ Foi um militar brasileiro que no ano de 1894 era o comandante do 7º batalhão de Infantaria, no qual foi responsável por diversas execuções sem julgamento de civis e militares envolvidos na Revolta da Armada.

⁵⁴ A chamada Revolta da Armada foi um movimento de rebelião promovido por unidades da Marinha do Brasil contra o governo do marechal Floriano Peixoto, Revolta da Armada supostamente apoiada pela oposição monarquista à recente instalação da República.

⁵⁵ PÍTSICA, Savas Apóstolo. **Gregos no Brasil**. Florianópolis, 1983, p. 21.

⁵⁶ Ibidem.

de grandes homens estadistas ou generais. Nada se fala sobre a convivência social dentro da comunidade grega, e de como outros gregos o identificavam. A narrativa dos fatos tenta passar uma afirmação da sua figura como um líder da comunidade grega e um empreendedor para o Estado.

Esse contexto da década de 1980, onde existia uma proposta política de homens ligados ao poder em forjar uma identidade catarinense, marca o elemento do capitão Savas. Os discursos produzidos mostram “um poder de fazer o grupo impondo-lhes princípios de visão e de divisão comuns, portanto, uma visão única da sua identidade, e uma visão idêntica de sua unidade”.⁵⁷

Para dar uma ideia de continuidade a um passado comum a imagem de um indivíduo foi remanejada a fim de criar um ponto onde todos, da colônia grega e de fora dela, pudessem criar uma identificação. A ideia de identidade provavelmente não teria a mesma força se fosse atribuída aquela coletividade que desembarcou do navio do Capitão Savas. Por isso a sua imagem sempre está ligada por honrosas passagens de cumplicidade junto ao seu povo e ao dessa terra de Santa Catarina, uma legitimidade perante os descendentes de gregos e ao Estado, o Capitão Savas surge como um herói do seu povo.

Surge uma cultura de tradição inventada, que atinge o ponto de fundação da colônia, envolvendo o nome do capitão Savas. O fato da sua chegada com seu barco na ilha dará também origem a um lugar de memória que marcará o aniversário de toda comunidade grega de Florianópolis. Uma das etapas do programa de festividades da comemoração do centenário da colonização grega, organizado pela Associação Helênica de Santa Catarina, era a visitação ao túmulo do Capitão Savas, no cemitério São Francisco de Assis, no Itacorubi⁵⁸.

Assim a idéia para a data de fundação da colônia estaria associada à imagem do capitão Savas, se essa comunidade fosse um todo homogêneo, pois foi dessa maneira que a memória se materializou em história para ser lembrada.

⁵⁷ BOURDIEU, p. 117.

⁵⁸ PÍTSICA, Paschoal Apóstolo. **Memória visual da colônia grega de Florianópolis**. Florianópolis: Irineu Karasiak, 2003, p. 35-36.

2.2 Costumes gregos

Para caracterizar uma identidade de uma comunidade dentro de um mosaico cultural heterogêneo que é o Estado de Santa Catarina, o autor destaca alguns “costumes” que eram praticados em Florianópolis.

Um desses costumes está relacionado com o ritual fúnebre, que passa por algumas etapas. Segundo o autor, quando os jovens falecem em *Kastelórizon*, na primeira noite após o enterro, os seus amigos homens, vão até o cemitério e catam profecias. Pela descrição não deixa claro se as jovens também passavam por esse tipo de ritual, mas tudo indica que isso valia apenas para os homens.⁵⁹

Na mesma *Katelórizon* quando um cidadão da cidade perde a vida, três senhoras provavelmente ligadas à família, pois o autor não especifica, saem para fora de casa e dão gritos contínuos para avisar à comunidade de que houve um falecimento naquele local, e atrair os amigos para ofícios religiosos.⁶⁰

Esses ofícios religiosos incluíam a vinda de familiares que trariam uma bebida denominada “pacári”, segundo autor era parecida com um quentão, para as pessoas presentes. Para os familiares era servida uma sopa denominada “tsovrá” (canja), que segundo o autor teria o intuito de levantá-los da depressão. Depois, durante quarenta dias, os familiares não comem carne e acendem incensos. Durante o período de um ano deixam aceso um “candíle” (lâmparina), e ao seu lado eles deixam um copo de água durante quarenta dias, para a alma do falecido que se metamorfoseou em borboleta, possa beber.

Além desse costume o autor também informa um quadro de mirologias, que também teriam sido transplantados da ilha de *Kastelorizon* para a ilha de Santa Catarina, dando destaque para aquela em que a mãe tem a perda do filho, que era pedaço do seu corpo, ou a sua própria pessoa.

Diante desse quadro mirológico é relatado que as senhoras começam a convulsão de choro, umas encostas as outras, segurando apertada as palmas das mãos. Os cabelos embaralhados, que se acham jogados na frente do rosto e do peito, elas procuram arranca-los, puxando-os em ritmo da canção fúnebre, alternando as mãos que irão puxar. Savas Pítsica cita dois ocorridos (1983, p. 62-63) que evidenciavam o uso dessas mirologias, e que teriam atingido toda a

⁵⁹ PÍTSICA, Savas Apóstolo. **Gregos no Brasil**. Florianópolis, 1983, p. 61.

⁶⁰ Ibidem.

população ilhoa. Um deles teria sido a morte do jovem João Anastácio Kotzias, que cursava a então Faculdade Nacional de Medicina, no Rio de Janeiro, e no ano de sua colação contraiu febre tífica nas clínicas universitárias. Segundo Savas:

Fatos como este fizeram renascer na comunidade helênica a compleição dramática, reflexo das tragédias vividas no passado pelos kastelorízios, de Desterro e *KastelORIZON* (SAVAS PÍTSICA, 1983, p. 62).

O outro ocorrido estava relacionado com a morte do então governador de Santa Catarina Jorge Komninós Lacerda, no dia 16 de junho de 1958, num acidente aéreo. Savas Pítsica que presenciou as preparações para o enterro, relata que podia ouvir fragmentos das antigas mirologias sendo murmuradas pelo velho Lacerda, se referenciando ao pai do falecido.

Esses costumes quando são transferidos para dentro da obra, estão sendo organizados e definidos, um regramento de como deve ser feito. Tendo intenção ou não, a partir do momento que o costume perde a sua variabilidade que está ligada a vida ele passa a se tornar uma cultura de tradição. A característica dessa cultura de tradições, inventadas ou não, é a sua invariabilidade, oferecendo e impondo práticas fixas. Já o costume não impede as inovações, podendo mudar até certo ponto, embora ele deva sempre parecer compatível ou idêntico ao precedente.⁶¹

O costume está ligado a uma rede de convenções e rotinas, que nada mais são do que práticas sociais que de um modo natural são muito repetidas. Assim a repetição tende a se converter nas convenções e rotinas, que por fim vão facilitar a transmissão dos costumes.⁶²

A memória transportada do autor para a história, sobre o símbolo de algo que era vivido como evidência e no seu contexto de produção pareceu estar comprometido pelo seu esfacelamento, que por necessidade de criar a identidade grega atingiu uma função ideológica, e não mais pertencentes a uma rede de convenção e rotina, retirando o seu caráter de transformação.

⁶¹ HOBBSAWM, Eric J.; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 10.

⁶² *Ibidem*, p. 11.

2.3 Contribuições da colônia grega

A colonização grega é classificada pelo autor como um “núcleo originário polarizador desenvolvimentista” (SAVAS PÍTSICA, 1983, p. 28). Dessa forma a sua implementação trouxe avanços e contribuições para a Ilha de Santa Catarina. Segundo o autor:

Sem dúvida, os kastelorízios transportaram para ilha de Santa Catarina um fração da Grécia, o último pedacinho do dodecanezo, trazendo junto um certo número de pensamentos, de palavras e de costumes que, aos poucos, foram sendo incorporados (SAVAS PÍTSICA, 1983, p. 31).

Nessa situação é considerado o acréscimo demográfico, a influencia decisiva no avanço do comercio de importações e exportações com os países vizinhos, que até o momento era feito através da cabotagem, sendo o grande responsável por esse comercio a figura do capitão Savas Nicolau Savas.

O comércio de secos e molhados, de atacado e varejo, era realizado única e exclusivamente pelas casas de comércios, pois não existiam os supermercados particulares e do governo no início do século XX, e os gregos dominavam praticamente 90% desse setor (SAVAS PÍTSICA, 1983, p. 67 e 70).

O autor cita que a culinária dos kastelorízios veio introduzir novos hábitos alimentares na ilha de Santa Catarina (SAVAS PÍTSICA, 1983, p. 31). Os frutos do mar foram implementados como o caviar e o caviarosalada, que seriam pratos feitos com ovas cruas de tainha, após secas ao sol. A própria ova crua e salgada, seca ao sol, também foi implementada pelos gregos. Ainda na parte de frutos do mar a lula, o ouriço e o polvo também teriam sido mais apreciados pelos ilhéus após a chegada dos gregos de *Kastelórizon*.

Além dessas comidas somam-se ao cardápio ilhéu às cabaras e os cabritos, os “dolmades”, que eram bolos de carne com arroz enrolados na folhas de parreira de uva, o “mussaká”, a berinjela, após cozida e levada ao forno recheada com carne e coberta de creme. Temos ainda a sopa “avgolêmono”, que eram ovos batidos com limão adicionados a canja de galinha.

A parte dos doces foi destacado o “curambiê” e o “paclavá”, e as roscas “kukurákia” de Páscoa, que vinham junto com os ovos coloridos cozidos no forno.

No capítulo intitulado “A colonização grega na Ilha de Santa Catarina”, que foi extraído da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina de autoria de Paschoal Apóstolo Pítsica, o primeiro parágrafo já informa ao leitor que:

A história de Santa Catarina reclamava pesquisa acerca da colonização helênica que teve início há quase um século. A marca dessa contribuição está nítida na geografia humana, econômica e política do Estado (SAVAS PÍTSICA, 1983, p. 39).

É interessante observar como essas características irão parecer sobre o nome de singularidades, e poucas vezes como de nome de um grupo. Apesar disso faz se entender que essas singularidades são representantes de ideias de um todo, como se os fatos ligados à vida delas estivessem sido selecionados para representar a cultura grega com intuito de atingir uma visibilidade perante a uma instituição maior.

A uma passagem em que o autor coloca que o médico Constantino prestou destacados serviços a comunidade local no Hospital de Caridade. Bem como lanche Beneficente de São Nicolau, que se iniciou na década de 1950, em que algumas mulheres gregas e descendentes se reúnem para realização de trabalhos manuais a fim de arrecadar dinheiro para comunidade helênica, mas também para projetos como o tradicional natal dos pobres, em que há a entrega de gêneros alimentícios a cem pessoas pobres da ilha.⁶³

No meio literário e político Jorge Lacerda recebe destaque do autor que cedo lidera o movimento universitário integralista em Curitiba, sob o comando de Plínio Salgado. Mais tarde se tornou vice presidente Nacional do Partido Republicano Progressista (PRP). Como autor ele publicou a Revista CEU (1961), órgão informativo da Casa do Estudante Universitário do Paraná. Quando governador ainda construiu o Instituto Estadual de Educação. Voltando ao meio literário ele cita a contribuição dos irmãos Paschoal e Nicolau Apóstolo Pítsica, sob a orientação do Professor Othon Gama Lobo D’Eça, fundavam o grupo literário “Litoral”, e a seguir, a publicação da Revista Litoral.⁶⁴

Por fim ele cita ajuda dos gregos escafandristas na construção dos pilares da ponte Hercílio Luz, em que o trabalho era gerenciado por uma empresa norte-americana (SAVAS PÍTSICA, 1983, p. 92).

⁶³ PÍTSICA, Savas Apóstolo. **Gregos no Brasil**. Florianópolis, 1983, p. 43 e 77.

⁶⁴ Ibidem, p. 81.

As referências das contribuições estão sempre associadas a um círculo de imigrantes, dada a sua importância política, e seus registros em fontes oficiais. Nesse trabalho não foi analisado a questão de gênero, mas pode ser observado que a importância da mulher é pouco relatada.

Os registros factuais das contribuições poucos nos dizem sobre o conjunto social dos gregos, mantendo a sua unidade representada apenas por nomes de uma mesma origem grega e dando destaques sempre ações ligadas ao Estado. Essas ações recebiam diferentes graus de importância, o que favorecia surgimento a citação de algumas individualidades, mostrando que a construção histórica da cultura grega nesse período estava envolvida com relações de poder e disputas políticas, mas encobertas com o intuito de mostrar uma imagem de unidade étnica.

2.4 Subjetividade do autor

No decorrer do livro fica claro que muitas vezes a história que está sendo contada pelo autor se mistura com a sua experiência de vida. Como no trecho acerca da morte do Governador Lacerda:

O velho Lacerda, em soluços, curvou-se diante do filho, ao beijá-lo na frente, fazendo menção para que todos se afastassem dali e fechassem as portas para deixá-los a sós. Permaneci na ante-sala e pude ouvir o velho suspirando, enquanto conversava com seu filho, inconformado, murmurando, no idioma de Platão fragmentos das antigas mirologias (SAVAS PÍTSICA, 1983, p. 62-63).

Por isso muitas das percepções acerca da colônia são segundo uma construção cultural individual, que mistura interesses do autor, as fontes selecionadas para construção histórica, com a sua experiência de vida, o cotidiano das famílias na qual ele estava envolvido. Isso não é uma crítica ao autor, até porque toda construção histórica não está isenta de subjetividade⁶⁵, e sim uma observação acerca dos processos que constituíram essa construção cultural que incluíam visões de um determinado grupo social e seu tempo.

Assim essa abordagem da colônia grega feita pelo autor é uma visão construída sobre a influência de diversos fatores, onde percebemos a evidência de

⁶⁵ BURKE, Peter. **A Escrita da História**. São Paulo: UNESP, 1992. p. 7-37.

que o caráter memorialístico se mistura com histórico para formar um campo cultural específico, mas não o único do período.

Essa observação é claro está sendo feita a partir do presente, por isso mais uma vez ressalto que não é uma crítica, mas uma tentativa de compreensão do contexto no qual a obra foi produzida.

Outra passagem é a dos relatos acerca das reuniões gregas, que para ele se davam no Café do Comercio, dos irmãos Jorge e Arthemis Triandafilis, no Mercado Público Municipal. Numa passagem que envolve uma clara relação da memória de sua via adentrando a consolidação de uma história é quando em referencia ao dono do bar Arthemis Triandafilis:

Lembro-me, quando se referia à minha pessoa, ainda menino de 7 a 8 anos, que confiaria no meu futuro, na minha habilidade cirúrgica, caso um dia viesse a necessitar dela (SAVAS PÍTSICA, 1983, p 70).

Segundo o prólogo do livro o interesse seria marcar através de fatos históricos a chegada de gregos, vindos da ilha de *Kastelórizon*, a Ilha de Santa Catarina, e a constituição dos seus núcleos (SAVAS PÍTSICA, 1983, p. 13).

Ele indica que pela sua percepção há indícios de que esse núcleo está sofrendo desagregações, julgando o meio como responsável que efetua uma absorção natural dessas identidades.

Podemos verificar duas ações influenciando nas percepções do autor, uma de cunho pessoal e outra política. Claro que uma pode ter proporcionado o surgimento do outro, ou há a possibilidade da existência já de um sentimento pessoal de descontinuidade do que era vivido e com a ação do contexto social proporcionou o interesse de gerar um arquivo de memória, mas também de identidade da comunidade.

Outra percepção a ser notada é que em vários momentos o autor volta várias vezes a um mesmo acontecimento. Como o estabelecimento das casas de comércio tanto aos arredores do Mercado Público, quanto na Praia de Fora, e os fatos ligados à invasão de *Kastelórizon*, pelo império Turco e pelos alemães e italianos na Segunda Guerra mundial.⁶⁶ Isso é um sinal de memória que segundo Pollack:

⁶⁶ Observar os capítulos referente à Colônia Grega em Santa Catarina e Helenismo em Florianópolis do livro "Os gregos no Brasil".

É como se, numa história de vida individual – mas isso acontece igualmente em memórias construídas coletivamente – houvesse elementos irreduzíveis, em que o trabalho de solidificação da memória foi tão importante que impossibilitou a ocorrência de mudanças. Em certo sentido determinado número de elementos tornam-se realidade, passam a fazer parte da própria essência da pessoa, muito embora tantos outros acontecimentos e fatos possam se modificar em função dos interlocutores, ou em função do movimento da fala (POLLACK, 1992, p. 201).⁶⁷

Para Pollack os elementos constitutivos da memória, coletiva e individual, são classificados em quatro: os acontecimentos vividos pessoalmente, os vividos pela comunidade ou pelo grupo pela qual a pessoa se sente pertencer (pode ser que ela não tenha vivenciado o acontecimento), a memória pode ainda ser criada por personagens ou pessoas, e por fim os lugares de memória, que podem ser individuais, ou coletivos como os monumentos históricos (POLLACK, 1992, p. 201).

Continuando uma análise do livro pode-se observar que ele se apresenta como um lugar de memória, mas a sua construção abriga mais dois elementos, como os acontecimentos vividos pessoalmente e os vividos por um grupo ou “por tabela”, formados por aqueles que estavam mais próximos ao autor, que se sentiam pertencentes a uma mesma unidade, e que dariam depoimentos que ajudariam a confirmar a sua construção histórica⁶⁸. Porém o resultado da sua pesquisa histórica faria surgir um quarto elemento relacionado com a imagem de um personagem. Pollack a respeito da memória de pessoas e personagens coloca:

Aqui também podemos aplicar o mesmo esquema, falar de personagem, realmente encontradas no decorrer da vida, de personagens frequentadas por tabela, indiretamente, mas que, por assim dizer, se transformaram quase que em conhecidas, e ainda de personagem que não pertenceram necessariamente ao espaço-tempo da pessoa (POLLACK, 1992, p. 202).

Dessa forma a data de início da colonização grega na Ilha de Santa Catarina, pela obra, é o ano de 1883, que é quando o capitão Savas Nicolau Savas retornando de uma viagem de Montevideu faz uma parada em Desterro. Esse ano é tido como oficial da origem da colônia grega, que à partir do ano de seu centenário em 1983 vem comemorando todo dia 21 de setembro sua fundação. Cria-se uma imagem de herói que fará parte do reconhecimento das comemorações do

⁶⁷ Pollack, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro. vol. 5, nº 10, 1992, p. 200-212.

⁶⁸ Ibidem, p. 201-203.

centenário, em que um grupo, apesar de não ter vivido na mesma época, cria uma identificação com o Capitão Savas como se ele fosse um contemporâneo.

Finalizando se tratando de memórias, deve-se levar em conta que ela segue uma linha reta com o passado, alimentando-se de lembranças vagas, contraditórias e sem nenhuma crítica as fontes que em tese embasariam essa memória.⁶⁹

Como no caso do livro o autor seleciona as suas memórias e de alguns indivíduos de acordo com aquilo que a sua seleção de fontes oficiais escritas possam confirmar.

Outro fato do período pouco divulgado é que após a crise do petróleo em 1973, todos os gregos que não retornaram a Grécia, e que tentaram permanecer dentro da sua identidade de origem passariam a ser conhecidos como *Apódimo Helenismo*.⁷⁰

Na década de 1980 após a Grécia passar por reformas econômicas, a questão do *Apódimo* passou a receber uma atenção especial recebida por um organismo governamental específico: A Secretaria Geral do *Apódimo Helenismo* (SGAH).⁷¹ Segundo Fernandes:

Ao dar forma à política do *Apódimo* grego, o Poder de Estado da Grécia, através da SGAH, formada em 1983, executou e executa importante função junto às comunidades helênicas formadas por imigrantes gregos no exterior (FERNANDES, 2009, p. 151).

A SGAH possui ainda status de vice-ministério e dispõe de verba própria para tratar dos assuntos do *Apódimo Helenismo*, procurando preservar o helenismo entre os gregos residentes no exterior.⁷²

Dessa forma ao criar uma legitimidade da cultura perante o governo do Estado de Santa Catarina da existência e importância de uma colônia grega em Florianópolis, ele poderia se oficializar como uma colônia grega que ainda está vinculada a preservação dessa identidade, dando visão da sua existência também para a questão do *Apódimo Helenismo*.

⁶⁹ MOTTA, Márcia M. M. História, memória e tempo presente. In: CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo (orgs). **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro : Elsevier , 2012, pp. 25.

⁷⁰ FERNANDES, Maria das Graças. **Gregos no Brasil**. Rio Grande do Sul: Letra & Vida, 2009, p. 151.

⁷¹ Ibidem.

⁷² FERNANDES, Maria das Graças. **Gregos no Brasil**. Rio Grande do Sul: Letra & Vida, 2009, p. 152.

Podemos afirmar que o autor conseguiu unir o útil ao agradável, e achou uma possibilidade de conservar uma cultura grega que para ele estava se perdendo, através de uma política de identidade que estava sendo implementada pelo governo do Estado.

Assim a análise da construção cultural da obra é de extrema importância para entendermos como as memórias foram organizadas. A memória só se justifica pelo presente, pois é dele que ela recebe os incentivos para ser consagrada como lembranças. Segundo Nora ela é “um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente”. (NORA, 1993, p. 9). Com isso podemos afirmar que são os fatos do presente que justificam por que a memória vai conservar algo do passado ou não.

2.5 Cadernos da Cultura Catarinense

Os Cadernos da Cultura Catarinense, junto com a Carta aos Catarinenses fazem parte de uma proposta de governo lançada no Governo de Espiridião Amin no seu mandato de 1982 a 1986. Essas propostas foram produzidas no interior da Fundação Catarinense de Cultura e apoiada por intelectuais ligados ao Instituto Histórico Geográfico Catarinense (IHGSC).

Segundo Serpa (1996) o discurso de identidade seria a marca desse governo numa esfera cultural, que visava dar voz a discursos e incentivos a eventos que trouxessem esse conceito da Identidade Catarinense.

Esses cadernos possuem três edições duas em 1984 e uma de 1985. A análise será feita através da edição número um, em que a revista trazia o nome de “Imigração e colonização: o patrimônio cultural do imigrante”, do período de outubro a dezembro de 1984.

O governo bem como a sociedade do Estado de Santa Catarina passava por um momento difícil após as enchentes de 1983. A enchente atingiu 135 cidades de Santa Catarina, deixando um rastro de 198 mil desabrigados, pelo menos 49 mortos, e 32 dias de isolamento.⁷³

⁷³ Dados retirados do jornal Notícias do Dia, publicado no dia 07 de julho de 2013 no site <http://ndonline.com.br/florianopolis/noticias/84641-enchente-de-1983-tragedia-natural-em-santa-catarina.html>. (Acessado 18/11/2014).

Dessa forma o governo cria o Caderno da Cultura Catarinense, em 1984, como forma de materializar um plano de ação, que já vinha sendo projetado desde o início da década de 1980 com a Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, que segundo Serpa “há um sensível crescimento de artigos referentes a outras cidades povoadas por outras etnias” (1996, p. 67).

A idéia do mosaico étnico começa a ser produzida e identificada como a marca de uma identidade catarinense, que tentava sempre criar uma valorização da terra firmando um vínculo forte entre o imigrante e a sua localidade. Como que querendo estabelecer raízes para uma identificação com a sua terra, e no desenvolvimento dela, pois ela traz a marca da cultura. Um trecho da edição número dois do Caderno que intitulava Imigração e Colonização: o patrimônio cultural do imigrante⁷⁴ destaca:

Ainda hoje constatamos a existência dessas regiões culturais, pois o sucesso alcançado pelo imigrante, através do seu trabalho em condições favoráveis de solo, clima e até paisagem – muitas vezes idênticas com a da sua terra natal – propiciou um progresso sistemático, sem rupturas com o passado (1984, p. 2).⁷⁵

Esse discurso de identidade com a terra já estava sendo utilizado na produção da obra “Os Gregos no Brasil”, de Savas Apóstolo Pítsica:

Na volta, passando por Desterro, a embarcação permaneceu maior tempo, porque a ilha se Santa Catarina guardava semelhanças com *Kastelórizon* (SAVAS PÍTSICA, 1983, p 42).

Outro aspecto que será determinado pelo caderno são as características das ordens em decorrência do processo de colonização. Dessa forma é apresentado: político-administrativa, político-institucional, sócio-econômica e sócio-cultural.

O da ordem político-administrativa se caracteriza pela iniciativa privada de indivíduos, ou empresas no processo colonizador. O político-institucional passa pelo ingresso desses imigrantes em cargos públicos eletivos e de nomeação, e até da vida partidária do Estado. A análise sócio-econômico parte do princípio que o modo de ocupação das terras e o uso feito por cada estabelecimento colonizador deve ser feito separadamente para o entendimento das contribuições do desenvolvimento econômico prestado. Por fim o sócio-cultural toca os assuntos que tange o processo

⁷⁴ Anexo III.

⁷⁵ Anexo IV.

de assimilação e aculturação do imigrante, como a língua, as associações, a vida religiosa e a todos os aspectos correspondentes a vida popular.

Todas essas ordens podem ser encontradas na construção do livro “Os gregos no Brasil”, como estão expostos nos capítulos anteriores, mostrando a ligação da obra com o discurso político implementado no período.

O Caderno da Cultura Catarinense na sua primeira edição⁷⁶ trazia entre outras propostas da “Carta dos Catarinenses”: conservar a identidade catarinense; preservar a memória cultural; divulgar os valores da cultura catarinense; estimular a edição de livros de autores catarinenses, do presente e do passado, bem como de autores não catarinenses sobre temas de Santa Catarina.⁷⁷

Apesar disso a Revista não fala da colonização grega, e ainda tentando classificar uma identidade catarinense na sua primeira edição coloca a ideia de que o “jagunço fanático” do contestado seria o símbolo máximo que a representaria.⁷⁸

Mas podemos verificar que o discurso político da conservação da identidade dos imigrantes abordado nela é o mesmo utilizado pelo autor na obra “Os gregos no Brasil”.

A obra já trazia marcas da discussão sobre a Identidade Catarinense iniciada pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, acerca desse mosaico étnico, e que mais tarde formaria o projeto do Caderno de Cultura Catarinense.

Assim as análises colonizadoras foram destacadas pelo Caderno da Cultura Catarinense num quadro que ressaltava um caráter positivista e desenvolvimentista dos colonos para o Estado, destacando a importância dos diferentes estudos a cada uma das identidades para preservação do que melhor existe, atribuindo um legado de contribuição para as gerações futuras.

⁷⁶ CADERNOS DA CULTURA CATARINENSE. **Aspectos do Contestado**. Florianópolis: FCC, ano I, jul/set, 1984.

⁷⁷ Anexo II.

⁷⁸ SERPA, Élio Contalício. **A identidade Catarinense nos discursos do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina**. Revista de Ciências Humanas, v. 14, n. 20, UFSC, 1996, p. 75.

CAPÍTULO III - Entrevistas

Para iniciar o entendimento das entrevistas, é interessante demonstrar a base metodológica em que a análise se baseou, demonstrando a ideia do conteúdo como um conjunto de fatores que combinam a preparação do entrevistador e o caminho para o desenvolvimento e criação de uma fonte oral.

O roteiro das entrevistas foi pré-determinado antes mesmo da seleção dos entrevistados, com questões que chamavam para discussão de problemáticas, com o intuito de evitar um discurso autônomo que privilegiasse apenas o testemunho. Assim o entrevistador cria a impressão de se tornar um fabricante de recordações, quando na realidade ele apenas tenta suscitá-las.⁷⁹

A seleção das testemunhas veio a partir de uma análise dos sobrenomes informados no livro “Os gregos no Brasil”, que também é uma das fontes desse trabalho, com o auxílio de meus familiares para a localização de pessoas com esses sobrenomes. A seleção feita ainda tentou diversificar as fontes, através de entrevistados que não possuíam uma mesma ascendência familiar, evitando assim uma possível visão unilateral dos fatos, tentando conhecer os vários lados da participação da colônia.

Foram selecionadas quatro testemunhas, três homens e uma mulher, de diferentes idades, sendo duas próximas ao círculo da Igreja Ortodoxa grega de Florianópolis e outras duas mais afastadas. No decorrer das entrevistas algumas acabaram se transformando em várias vozes devido ao lugar onde elas foram realizadas.

Os lugares foram marcados através do primeiro contato por telefone, onde em todos os casos foi respeitado o lugar de preferência do entrevistado seja por facilidade do horário, locomoção e até o próprio ambiente.

Em todos os encontros foi apresentado o roteiro da entrevista, em um o entrevistado fez a solicitação de se possível enviar as questões que seriam abordadas com um dia de antecedência para que ele pudesse ler, mas a proposta era que fossem entrevistas semidirigidas. As perguntas foram elaboradas no sentido de dar uma direção a entrevistas, mas todas elas deixavam a possibilidade do

⁷⁹ TOURTIER-BONAZZI, Chantal de. Arquivos: propostas metodológicas. In: FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaina. **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 1996, pp. 234.

entrevistado de discorrer sobre o tema, podendo ele decidir o que seria dito ou não.

80

Dessa forma os entrevistados foram por ordem temporal de realização, começando pelo primeiro:

1. Leonardo Spyrides Boabaid Zupan, jovem ex presidente da Colônia grega e Associação Helênica, exercendo mandato de dois anos de 2011 a 2013, sendo bisneto de gregos.

2. Kiriaki Katcipis Atherinos, senhora aposentada, participava dos lanches das gregas a pelo menos cinco décadas, e seu pai era grego. Na sua entrevista alguns membros da família participaram da conversa, todas as vozes tiveram influência sobre o discurso, mas apenas será incluída a fala da sua filha Marigo Atherinos Pierri, numa análise mais aprofundada.

3. Carlos Alberto Atherinos Pierri Filho, jovem que frequentava alguns almoços da comunidade grega, é bisneto de gregos.

4. Miguel Anastácio Kotzias, adulto comerciante que frequenta desde o início da sua vida a Igreja Ortodoxa grega, sendo neto de gregos.

A fonte oral aqui será considerada como fonte em si mesma, e não como apoio factual, evidenciando um estilo analítico completo⁸¹. Estará sendo analisado o processo de produção da fonte através de uma abordagem cultural, pensado-a em “um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo”⁸².

Dessa forma está sendo utilizada a fonte oral para entender o espaço cultural em que são produzidas experiências humanas acerca do assunto sobre a colônia grega.

3.1 As perspectivas sobre a imigração

As memórias aqui descritas são relatos individuais, porém são produtos de uma cultura, e por isso foram formadas através de experiências de vida, envolvendo

⁸⁰ TOURTIER-BONAZZI, Chantal de, p. 237.

⁸¹ LOZANO, Jorge E. A. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaina. **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 1996, p. 23.

⁸² PESAVENTO, Sandra Jathaty. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2 ed., 2004, p. 15.

diversas outras memórias na sua construção. A memória será analisada num contexto coletivo e social, por isso formada a partir do seu tempo, mas sempre sujeita a flutuações e mudanças.⁸³

Em todas as entrevistas a opinião acerca da existência de uma colônia grega em Florianópolis é indiscutível, independente do número de imigrantes que aqui chegaram, todos os relatos indicam a vinda de um grupo considerável de gregos entre o final do século XIX e início do século XX.

Algumas entrevistas, porém foi verificado que a construção da narrativa acerca dessa comunidade passava por fatos cronologicamente definidos, com data de fundação, pioneiros, costumes, tradições, individualidades, religião, assim como segue a história relatada no livro. Evidenciando uma fala construída pelo estudo histórico.

Existem momentos em que a memória evidencia esse aspecto de mudança e flutuação e outros que ela ficou marcada por um fato e foi impossibilitada de mudança.⁸⁴ Mas ainda percebe-se a presença de duas culturas diferentes, uma definida pela doutrina e estudo implementado pelos entrevistados que frequentavam a Igreja Ortodoxa e outra indicada pelo modo particular de vida e suas relações que esses descendentes levavam com a memória de seus antepassados.

Dessa forma os dois entrevistados que tinham uma relação com a Igreja Ortodoxa construíram uma narrativa parecida com a do livro, como por exemplo, citavam a grande contribuição do capitão Savas Nicolau Savas para o surgimento da colônia, enquanto os outros dois não se preocuparam em destacar a imagem de um pioneiro, mas sim de um grupo que teria vindo para Florianópolis.

Esse é um detalhe interessante, pois nos informa de um possível discurso ligado a Igreja Ortodoxa, que influência diretamente na formação da cultura de um setor dos descendentes.

Pela análise das memórias pode ser construído um indicativo interessante da formação de uma cultura. Os quatro elementos da memória citados por Pollack podem ser observados também nas entrevistas

⁸³ Pollack, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro. vol. 5, nº 10, 1992, p. 201.

⁸⁴ Pollack, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro. vol. 5, nº 10, 1992, p. 201.

Os dois entrevistados que frequentam a Igreja Ortodoxa tem narrações muito parecidas, o que mostra para o elemento da comunidade ou grupo muito presente na constituição da memória. Lógico que existem algumas diferenças, pois o elemento individual também está presente, mas fica claro que a influencia principal se encontra no item referente ao grupo.

Já nos outros dois que apenas frequentavam algumas reuniões e festas gregas, se sobressai os acontecimentos vividos, formados pelas várias memórias que eles coletam durante a vida. Alguns elementos de grupo também estão presentes, mas esses não são decisivos na sua construção da imagem da colônia grega.

Quando perguntado sobre a importância dos costumes gregos, um eixo girava em torno das práticas da Igreja Ortodoxa, e outro nas experiências de vida. Por exemplo, a festa de Páscoa a recordação da senhora Kiriaki estava no momento familiar, de reunião com outros gregos em torno da mesa da casa de seu pai. Já para o senhor Miguel a Páscoa está ligada a maior festa religiosa da colônia, subentendesse o papel direto da Igreja Ortodoxa.

O mesmo caminho pode ser tomado também para o senhor Zupan, que liga as festas realizadas no dia 25 de março (independência da Grécia) e 21 de setembro (aniversário da colônia grega) a Igreja Ortodoxa como a grande realizadora. Já com o senhor Carlos Alberto a festa da independência grega está ligado a um momento de confraternização e com almoços.

Os costumes gregos em todas as entrevistas podem ser encontrados pontos em comum, como os casamentos com coroas, com a tradição de jogar moedas e arroz sobre os noivos, as danças, as comidas como ouriço, cabrito e a ova. Agora o ponto de desconexão em que novamente podemos ver duas culturas, é que ao ser perguntado as causas do esquecimento desses costumes, um grupo atribui a falta de interesses dos mais jovens em ir a Igreja Ortodoxa, e o outro a questão familiar e atualização desses costumes, ou seja, atribuindo a falta de resignificação dessa cultura para vida dessas novas gerações.

Na entrevista com a senhora Kiria quando feita a pergunta acerca dos costumes que estão sendo esquecidos, ela relata que os netos não se interessaram em adquirir a cidadania grega. Segundo a sua filha Marigo a causa seria porque esses mais novos não estão querendo assumir os mais velhos. Para o senhor

Carlos Alberto o problema dos costumes se passa pela alta carga simbólica que a Grécia atribui a eles, sempre atreladas a significações antigas, fechadas num passado, não havendo inovações.

Na fala do senhor Leonardo ele acredita que os costumes estão se perdendo porque estão muito vinculados a Igreja Ortodoxa grega que está ligada a ritos muito antigos. O mesmo para o senhor Miguel que acredita que os costumes estão sendo perdidos devido a falta de interesses dos jovens em entrar na Igreja Ortodoxa.

Nessa análise fica claro a presença de dois tipos de cultura interpretando da sua maneira as questões expostas. Uma influenciada por uma instituição que é reconhecida por formar a comunidade e cultura greco-brasileira através da religião ortodoxa⁸⁵, e outra que está atrelada a percepções ligadas ao convívio na sociedade em geral.

3.2 A identificação com a cultura

A identificação com uma cultura pode nos mostrar um lado da memória coletiva que traz a construção de uma identidade, nos possibilitando verificar o porquê da manutenção de certos costumes.

Nas entrevistas realizadas com os senhores Leonardo e Miguel, fica evidente o papel da Igreja Ortodoxa na manutenção dos costumes. Leonardo afirma que antes de ir para Grécia e ter a oportunidade de presidir a colônia era quase mínimo o conhecimento cultural que gerava a sua identificação com a Grécia. Quando ele se refere à presidência da comunidade ele está responsável por dois órgãos que se tornaram um. Segundo Paschoal Apóstolo Pítsica em 20 de julho do ano de 2000 ocorreu à fusão definitiva da Irmandade Grega São Nicolau e da Associação Helênica de Santa Catarina (2003, p. 28).

O senhor Miguel quando foi perguntado se a cultura grega é valorizada em Florianópolis, logo se referiu à falta de vínculo dos novos descendentes com a Igreja Ortodoxa grega.

Os dois ainda abordaram o valor da língua para essa identificação, até porque todos os cultos praticados na Igreja Ortodoxa eram em grego. Outra identificação em

⁸⁵ FERNANDES, Maria das Graças. **Gregos no Brasil**. Rio Grande do Sul: Letra & Vida, 2009, p. 136.

comum passa pelas datas festivas gregas, e também pelas comidas, casamentos, funerais e batizados.

A importância dos valores dos casamentos e comidas é identificada como um ponto de confluência das culturas quando relatam a identificação com os costumes, pois para a senhora Marigo e Kiria, os casamentos dos filhos e netos englobavam elementos que marcavam a permanência da cultura, com elementos como um grupo de dança grega, a quebra de pratos, as comidas gregas.

A identificação cultural passa de formas diferentes para os descendentes gregos. A Igreja Ortodoxa grega está muito vinculada a costumes de início de século XX, identificando-se com a manutenção da cultura assim como era praticada pelos seus primeiros descendentes, pois isso traz uma significação para a sua realidade e para sua imagem de *kinótita*, que não são entidades que se atem a organização de eventos meramente recreativos, mas que cumprem a função de preservar as tradições culturais gregas.⁸⁶ Segundo Fernandes:

A fundação de igrejas é sempre um marco histórico na organização das *kinótitas*, e a partir do encontro dos membros das comunidades em função de rituais religiosos surgem outras atividades sociais (FERNANDES, 2009, p. 157).

Porém na visão dos descendentes que não são frequentadores desse círculo cultural, os costumes estão ligados a gestos cotidianos como fazer uma comida grega, fazer um encontro com outros descendentes, fazer um casamento com alguns elementos gregos. É uma cultura que está desvinculada de um padrão religioso para o estabelecimento de regras a fim de manter a sua identificação com a Grécia. Para esse grupo não é necessário estar vinculado ao meio religioso ortodoxo para se ter uma identidade com a Grécia, eles significaram a cultura de acordo com os objetivos do seu presente, justamente por ela ter sempre o referencial de seu antepassado ainda vivo.

Nas entrevistas podemos verificar que há momentos em que fatos da memória querem ser esquecidos, não lembrados e passados para gerações posteriores, mostrando sinais da construção da identidade com esse antepassado ainda vivo. Na entrevista com a senhora Kiria quando foi perguntada sobre as

⁸⁶ FERNANDES, Maria das Graças. **Gregos no Brasil**. Rio Grande do Sul: Letra & Vida, 2009, p. 136.

razões de seu pai ter vindo da Grécia para o Brasil ela coloca que teria ele teria fugido da Grécia, em seguida ela relata que não se deve falar isso. Ele teria vindo com outros gregos como Miguel Atherinos e o Savas Nicolau Savas e que a opção era Florianópolis porque eles gostavam daqui. Prosseguindo na sua fala ela coloca ainda que o motivo central era a pobreza, e que eles não tinham nada. Nas palavras de seu neto Carlos Alberto o principal motivo seriam as guerras e os conflitos que não permitiam que eles progredissem, sem especificar algum, e a escolha do local teria sido pela semelhança com a sua ilha. O que nos mostra a influência do presente na identificação com o passado, entre as percepções das diferentes gerações.

A cultura dos descendentes que estão vinculadas a Igreja também passa por um referencial de seu antepassado ainda vivo, porém para essas famílias o modo de se assegurar a identidade e o respeito a sua origem grega é conservando os costumes do início do século XX, que eram praticados quando houve a criação da Associação Helênica.

Por isso na entrevista dada para pelo senhor Leonardo ele relata que a cultura grega por estar muito ligada a religião Ortodoxa segue a risca os costumes implementados por um grupo de imigrantes. Para classificar a religião Ortodoxa ele fala que com ela é “pão e pão, queijo e queijo”. Na entrevista do senhor Miguel ele fala que muita da ideologia da Igreja Ortodoxa está atrelada as idéias de um grupo de descendentes mais antigos, que sempre oferecem muitas barreiras para uma possível mudança dentro dessa cultura. Ele ainda destaca a fala do embaixador Grego, que passou as festividades da Páscoa aqui em Florianópolis, em que aqui ele se sentia mais grego do que na Grécia, pois ele podia presenciar os costumes que eram feitos pelos seus antepassados no século XIX e XX. Acerca do poder de construção da memória Motta coloca:

A força dessa memória aglutinadora é realimentada, reforçada, reinventada constantemente, principalmente em situações em que uma reflexão externa tenta solapar ou minar os elementos que unem o grupo e lhe conferem um sentido particular (MOTTA, 2012, p. 25).

Dessa forma existe uma cultura que tenta preservar essa identificação oficial com os costumes em que a legitimidade passa pela Igreja Ortodoxa grega visto que está teria sido fundada pelos imigrantes gregos a fim de ser feita a preservação de

sua identidade, passando ainda por uma legitimidade de órgãos oficiais da Grécia. E a outra cultura convive com os processos de reinvenção atravessados pela pluralidade das memórias que irão constituir o seu caráter com a identidade.

3.3 O legado: lugares de memórias e personagens

É possível verificar que a colônia grega não é um todo homogêneo, e que a sua cultura vem ao longo do tempo sofrendo as influências do meio em que está inserida.

O resultado disso é que cada vez mais têm surgido os chamados lugares de memória, com o intuito de preservar uma memória da colônia por justamente haver uma percepção de ruptura com o passado.⁸⁷

Isso porque a cultura está intimamente ligada a valores disputados em relações sociais com o presente. Dessa forma os mais velhos reclamam de uma falta de interesse dos mais novos em seus costumes, e esses numa tentativa de salvar a memória e tirar o peso do esquecimento consagram lugares que se referem à Grécia de maneira a resguardá-los do esquecimento.

Assim para o senhor Leonardo o grande legado está relacionado com os monumentos construídos, como a Praça da Grécia⁸⁸, e os serviços prestados a comunidade através da figura de políticos e escritores descendentes de gregos, onde o valor cultural atribuído a eles estaria nas contribuições dos gregos para Ilha de Santa Catarina.

O mesmo para Carlos Alberto em que na sua fala podemos perceber uma construção histórica na análise da colônia grega, como se ele a estivesse observando, estando de fora dela. Por exemplo, ele análise o fato dos gregos serem um grupo fechado e às vezes até racista, associando a visão dos outros imigrantes da época, como o os alemães e italianos.

Na entrevista do senhor Miguel há uma mescla de fatos historicizados com lembrança da sua convivência com seus avós. Quando foi dado início ao debate ele primeiro fez uma narrativa histórica da data de fundação grega, e o seu pioneiro,

⁸⁷ NORA, Pierre. **Entre história e memória: a problemática dos lugares**. São Paulo: Projeto História, nº 10, 1993, p. 7.

⁸⁸ Anexo VI

passando referencia de obras, posteriormente, ele relembra alguns fatos ligados a memória que foram passadas pela sua mãe ou avó.

A senhora Kiria era a que tinha a maior evidência da memória marcada na sua fala, pois ela não tinha a intenção de seguir um tempo cronológico na sua narração. Ela falava da vinda dos pais, depois do trabalho dos irmãos, depois dos costumes, comidas e outras atividades da colônia.

Nas entrevistas do neto e dos bisnetos observasse a clara presença de um trabalho de raciocínio, para montar relato da cultura grega, enquanto a entrevista da senhora Kiria, filha de grego, os fatos vinham ligados ao que habitava a sua memória. Segundo Nora:

Se habitássemos ainda nossa memória, não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares. Não haveria lugares porque não haveria memória transportada pela história. Cada gesto, até o mais cotidiano, seria vivido como uma repetição religiosa daquilo que sempre se fez, numa identificação carnal do ato e do sentido. Desde que haja rastro, distância mediação, não estamos mais dentro da verdadeira memória, mas dentro da história (NORA, 1993, p. 8-9).

A partir do momento em que esses antigos iniciaram uma preocupação com os elementos da cultura grega que estavam sendo perdidos, e os mais novos reconheceram esse vácuo no tempo, a memória abandonou seu permanente caráter de evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações, para entrar no campo da história como operação intelectual e laicizante.

Nesse momento em que os descendentes analisam a cultura grega se colocando como seus observadores, eles não estão se incluindo dentro dela, e os lugares de memória se tornam necessário para estabelecer uma ideia de continuidade no tempo. Por isso o marco cívil de uma data de fundação, a caracterização de personagens, e a criação de monumentos e livros. São todos métodos de reconstrução da cultura que não é mais completamente identificada.

Nessa medida surge a obrigação do acúmulo de vestígios, testemunhos, imagens, sinais visíveis do que foi, para retirar o peso do esquecimento e possibilitar para um futuro a sua lembrança. E nesse momento temos o caráter da identidade e esquecimento ligados à memória conforme citado por Pollack (1992), onde há preservação de certos legados em relação a outros, pois quem registra a memória está o fazendo segundo um método cultural próprio de seleção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises do livro e das entrevistas mostraram uma amplitude no campo da cultura grega, em que a sua construção é feita por grupos diferentes, que indicam modos particulares de vida atravessados pela influência de seu tempo.

O primeiro grupo de gregos chegou aqui ainda no final do século XIX, mas era um núcleo pequeno, familiar, e eles constantemente faziam viagens de volta para Grécia. Segundo relato, coletado por Fernandes, o descendente de imigrantes gregos Constantino Kotzias, informa que seu avô teria visitado o Brasil e retornado pelo menos duas vezes a Grécia, antes de se estabelecer definitivamente em território brasileiro em 1920 (2009, p. 140).

Segundo Apostolo Paschoal Pítsica no livro “Os gregos no Brasil”, a indícios por relatos de que o Capitão Savas teria feito até três viagens, sendo a sua última no ano de 1912, mas segundo pesquisas na sua Carteira Naval mostram que ele teria feito apenas duas viagens, em 1883 e 1889 (1983, p. 43).

Esse fato é interessante, pois a Grécia estava diante de uma crise financeira devido à queda na produção de passas de uva, e uma grande parte da população estava em extrema pobreza. Os imigrantes normalmente é que custeavam as suas viagens, com empréstimos de parentes ou amigos (FERNANDES, 2009, p. 138). Isso leva a supor que esses gregos que faziam diversas viagens de ida e volta entre o Brasil e a Grécia, eram de uma classe financeiramente mais rica do que a da grande maioria da população.

Outro fato que evidencia uma divisão da colônia grega é segundo Paschoal Apostolo Pítsica o que consta no Estatuto Social, publicado no Diário Oficial do Estado de Santa Catarina, em 29 de setembro de 1936:

A instituição tinha duas categorias de sócios: Sócio Ativo e Sócio Contribuinte. A categoria de Sócio Ativo, de número fechado, era composta apenas pelos fundadores e os Sócios Contribuintes. Todos os demais, que apenas contribuía, mas não governavam. A sociedade era dirigida por uma diretoria de três membros: presidente, secretário e tesoureiro, eleita pelos Sócios Ativos e Sócios Contribuintes. Mas, só os Sócios Ativos poderiam se candidatar e serem eleitos, com mandato de dois anos. Existia também a figura do Sócio Remido, destinado Àqueles que contribuíssem, de uma só vez, com quantia de 1000% sobre o valor da mensalidade e de Sócio Benemérito, destinada aqueles que contribuíssem de uma só vez com valores acima de 5000% da mensalidade. Tanto o Sócio Remido como o Sócio Benemérito só seriam considerados como Sócio Ativo (iguais aos fundadores) quando surgisse vaga naquela categoria, mas ficavam

liberados dos pagamentos de mensalidades. O artigo 15 do Estatuto era o mais curioso, pois dava poderes imperiais e absolutos ao Vigário [...] (PASCHOAL PITSICA, 2003, p. 33).

Essas são fortes evidências de que o modo cultural defendido pela colônia grega era centralizado nas mãos de uma fatia, e que muitos devido a essas condições devem ter se afastado desse ambiente, mas nem por isso deixavam de praticar a sua cultura.

Pelos depoimentos dos descendentes foi verificado que uma das razões da vinda dos imigrantes era a sua situação de extrema pobreza, então essa colônia não era composta de pessoas de uma mesma classe social. Os gregos envolvidos em torno do Capitão Savas, e casados com as suas irmãs, eram Theodócio Atherino, Constantino Spyrides, seu irmão Esthefano Savas, Agapito Iconomos e Nicolau Tzelikis, que viriam ajudar na sua atividade de importação e exportação com outros países sul americanos.

Para que essa rede de importação e exportação obtivesse sucesso, o capitão Savas necessitava de trabalhadores que tivessem algum conhecimento sobre a navegação, e de comerciantes. Como a população local não atendia a esses requisitos, ele foi buscar nos seus conterrâneos, até pela facilidade de comunicação, e por já possuírem algum tipo de conhecimento.

A vinda de gregos para a Florianópolis já está marcada por estabelecimento de classes sociais diferentes, em que ambas estão se ajudando, mas mantém-se uma hierarquia social.

Além desse aspecto, outra característica presente era a valorização dos matrimônios que eram feitos entre os próprios descendentes de gregos, com casamentos arranjados pelos familiares com o intuito de manter a cultura. Em trechos do depoimento da senhora Kiria, a sua filha Marigo relata que os gregos eram bem fechados, tanto que os casamentos só se davam entre eles. Para Marigo elas foram mais aceitas pela cultura ortodoxa do que a outra parte da família Katcipis, porque a sua mãe casou-se com um filho de um grego. Essa aceitação teria inclusive sofrido um abalo, porque o seu casamento arranjado com outro grego de Sidney, pela sua madrinha, acabou não dando certo e ela se acabou se casando com o senhor Pierri que não tem parentesco com gregos.

Na entrevista com Carlos Alberto ele coloca que o casamento da sua avó foi arranjado para ela poder casar com outro grego, porque eles eram extremamente

racistas e não aceitavam casamento com outras etnias. O senhor Miguel afirma também que no início os casamentos só se davam entre os gregos. Segundo Savas:

Os casamentos “gámos” eram realizados, de início, entre os filhos da própria comunidade, visando, talvez a manter vivo o idioma e conservar a religião ortodoxa, ou então porque os meios sociais na cidade eram poucos e quase inexistentes na época, e havia o convívio social entre eles nas festas religiosas e datas onomásticas (SAVAS PÍTSICA, 1983, p. 72).

O grande problema para com os casamentos é que a chegada de homens gregos solteiros era bem superior a entrada de mulheres gregas solteiras. A maioria dos relatos acerca das mulheres gregas que chegavam em Florianópolis eram de mães de famílias já formadas. A entrada de gregos advindos de *Kastelórizon* era de forma direta para o Estado de Santa Catarina, não passando pelo porto de Santos, ou Rio de Janeiro (FERNANDES, 2009, p.140). Apesar disso se pegarmos as entrevistas, temos oriundos da Grécia o casal formado pelos bisavôs do senhor Leonardo, dois casais, parte de mãe e parte de pai, formados pelos avôs do senhor Miguel, o pai, dois tios solteiros, e um sogro pela parte da senhora Kiria. Nessa proporção temos três mulheres para cada sete homens que chegavam se mantivessem esses valores dentro de 1.000 imigrantes gregos 300 seriam mulheres e 700 seriam homens.

Esses dados não se afastam muito dos dados da entrada de gregos pelo Porto de Santos⁸⁹. Dos 1.361 gregos imigrados para o Brasil de 1908 a 1926, 1.182 eram do sexo masculino, 1.103 eram solteiros, 179 eram mulheres, e o número de famílias era de 69 (Boletim do Departamento Estadual do Trabalho, 1927 apud FERNANDES 2009, p. 101).

Dessa forma o casamento entre gregos e outras nacionalidades se tornaram mais constantes para constituir uma família. Assim em 1929 surge a fundação da Irmandade Grego-Ortodoxa São Constantino a fim de manter unida a Colônia Grega de Santa Catarina.⁹⁰ Para Paschoal Pítsica:

Os que vieram, com esposa e filhos e desejavam professar a região de seus antepassados, permaneceram vinculados à Igreja Grego-Ortodoxa São Nicolau; os outros, que seguiram o catolicismo e que contraíram casamento

⁸⁹ SÃO PAULO. Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas do Estado de São Paulo – Boletim do Departamento Estadual do Trabalho, 1927.

⁹⁰ PÍTSICA, Paschoal Apóstolo. **Memória visual da colônia grega de Florianópolis**. Florianópolis: Irineu Klarasiak, 2003.

com conjugues que não conheciam o idioma grego, aos poucos foram se afastando da colônia tradicional (PASCHOAL PITSICA, 2003, p. 26).

Apesar de os gregos também irem a Igreja Ortodoxa, as gregas é que desempenhavam o papel decisivo da manutenção das tradições religiosas. Segundo Fernandes num questionário feito com duzentas pessoas, em 10% se registra casamento interétnicos greco-brasileiros. Desses 10% os filhos, quando o pai era o descendente do grego, foram batizados na Igreja Católica, e quando o papel se invertia, e a mãe era descendente de grego, o filho era batizado conforme rituais da Igreja Ortodoxa. Nas entrevistas ainda pode se perceber, entre os mais velhos, o predomínio do modelo patriarcal, onde a mulher se dedicava ao lar, as obras religiosas e de caridade, e o homem ao trabalho remunerado para sustento da casa (FERNANDES, 2009, p. 157).

É interessante, pois todos os entrevistados possuíam parentesco com os primeiros imigrantes através de pelo menos uma figura feminina, e todos participaram de tradições religiosas gregas, seja ligada a Igreja Ortodoxa, seja fazendo um casamento grego.

Dessa forma a cultura grega se dividia entre essas diversas realidades de vida, que em contato com o meio tinha diferentes processos de aculturação. Pois a cultura é algo vivo e utilizada para explicar a sua realidade. Quando aumentaram os casamentos entre gregos e descendentes de gregos com outras etnias, a sua cultura foi sofrendo resignificações, e aquilo que era considerado importante para base familiar de seus descendentes passa a ter outro sentido no tempo vivido. Mas esse é um processo natural da cultura, que segundo Pesavento:

Trata-se, antes de tudo, de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo (PESAVENTO, 2004, p.15).

Porém a percepção de que a cultura está sendo perdida faz parte de um dado momento do contexto histórico, gerado por um sentimento de descontinuidade com o passado, onde apreça um “antes” e um “depois”. Mas trata-se menos de uma separação vivida entre o presente e o passado, e mais de um intervalo vivido que rompeu com uma filiação com esse passado e que agora deseja ser restabelecido.⁹¹

⁹¹ NORA, Pierre. **Entre história e memória: a problemática dos lugares**. São Paulo: Projeto História, nº 10, 1993, p. 19.

Segunda Fernandes durante as duas décadas da ditadura militar pouco se debateu o tema imigração, e somente com o processo de abertura política iniciado na década de 1980, começaram a surgir debates e publicações acerca de questões sociais. Entre esses temas cresceu o interesse pela imigração e as contribuições prestadas por cada etnia (2009, p. 15).

Assim desponta o crescimento de artigos referentes a outras cidades povoadas por outras etnias. E um discurso agregador do governo do Estado junto com intelectuais ligados ao poder, para unificar as diferentes manifestações culturais e formar a identidade catarinense. Essa foi a marca registrada do governo de Espiridião Amim de 1982 a 1986.

É nesse contexto que ocorre a ruptura com o passado, pois se passa a estudá-lo, a determiná-lo, transforma-lo e petrificá-lo através da história para criação de lugares de memórias.

Os lugares de memórias estão vinculados a uma pausa no tempo, bloquear um trabalho de esquecimento, imortalizar a morte, prender um máximo de sentidos num mínimo de sinais, e assim vivendo no ressaltar de seus significados, mas imprevisível para suas ramificações para o social. A memória vai se prender a lugares assim como a história aos acontecimentos.⁹²

Nesse momento datas se tornam importantes, monumentos, se tornam importantes tudo para formar uma identidade desse presente com esse passado, e criar uma cultura de tradição, pois se faz necessário motivar uma identificação cultural com o passado mesmo que apenas pela imposição da repetição.⁹³

A partir disso em 1983, com o centenário, iniciou-se a festa do aniversário de fundação da colônia grega, que foi identificada como data de fundação o ano de 1883. Tanto que no livro quando Savas Apóstolo Pítsica tratava de datas cívicas importantes festejadas pelos gregos e descendentes de gregos em Santa Catarina ele ressalta apenas o dia 25 de março, data da independência da Grécia (25.03.1821) dos turcos otomanos, e o dia 28 de outubro, dia do “OXI”, isto é, o dia do “NÃO” (28.10.1940), quando o primeiro Ministro grego João Metaxás deu um “não”, em resposta a ocupação italiana (SAVAS PÍTSICA, 1983, p. 76).

⁹² NORA, Pierre, p. 25.

⁹³ HOBBSAWM, Eric J.; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 12.

Passou-se a estudar aquilo que os antepassados faziam a fim de venerar, em vez de praticar os costumes, como se fossem originários da Grécia. Os encontros passaram a ser marcados por datas históricas, definidas por meio da Associação Helênica. Hobsbawn destaca que pode ser observada uma nítida diferença entre as práticas antigas e as inventadas:

As primeiras eram práticas sociais específicas e altamente coercivas, enquanto as últimas tendiam a ser bastante gerais e vagas quanto à natureza dos valores, direitos e obrigações que procuravam inculcar nos membros de um determinado grupo: "patriotismo", "lealdade", "dever"... (HOBSBAWN, 1997, p. 19).

Dessa forma cultura grega foi fixada em torno da Igreja Ortodoxa, que seria a entidade ligada à Grécia e responsável pela preservação dos costumes. Um grande problema para a realidade atual, pois é cultura está atrelada a ideias do passado, e as entidades que a mantêm resistem em fazer algum tipo de modificação. Segundo Fernandes:

A questão repousa no dinamismo sociocultural em que os jovens se integram à sociedade. A busca de novas formas litúrgicas para despertar o interesse religioso das populações jovens não é desafio apenas da igreja Ortodoxa (FERNANDES, 2009, p. 158).

Conforme já falado anteriormente a cultura está atrelada ao presente, hoje devido às exigências pragmáticas da sociedade moderna, se uma cultura não traz significação para sua realidade, dificilmente o jovem vai ter a sua aceitação. É complicado esperar que nos dias atuais uma cultura seja praticada por simples respeito aos antepassados que não participaram diretamente da vida dos presentes. Por mais que seja honroso, hoje a cultura está muito ligada a reciprocidade, você á pratica esperando receber algo de volta. Conforme as entrevistas dos descendentes a cultura grega resiste em passar por uma manutenção e tem medo de se atualizar e perder sua identificação com seu passado glorificado pela história.

Assim podemos perceber a diversidade cultural por qual passa a colônia grega de Florianópolis, constituída por essas variadas gerações. Umas tentando manter as memórias do passado, outras tentando fazer a manutenção, outros estudando para identificar o significado, e uma grande parte simplesmente desinteressada.

Se os descendentes não conseguem trazer uma significação dessa cultura para sua realidade, eles apenas a entenderão como fato passado, mas não farão a sua prática. A identificação com a cultura grega pode ser valorizada por motivos que não estejam atrelados a costumes antigos, para possibilitar o reconhecimento de uma nova forma cultural compatível com a sua realidade. Por isso a colônia grega, bem como o governo grego devem valorizar essas novas formas de identificação que surgirem, para não se tornarem apenas lugares onde ancorar uma memória perdida.

Enquanto a cultura ficar somente atrelada Igreja Ortodoxa que tem como base apenas valores ligados à Grécia que atualmente pouco pode fazer pelas suas colônias devido a sua situação econômica, que hoje está atrelada a uma cultura de constante estudo dos lugares de memória tentando atribuir-lhes significados e sentidos de outras épocas, mas jamais trazendo significado para nossa própria cultura.

FONTES

BRASIL. Boletim do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, ano 3, 31 mar. 1952.

CADERNOS DA CULTURA CATARINENSE. **Aspectos do Contestado**. Florianópolis: FCC, ano I, jul/set, 1984.

CADERNOS DA CULTURA CATARINENSE. **Imigração e Colonização: o patrimônio cultural do imigrante**. Florianópolis: FCC, ano I, out/dez, 1984.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Brasil 500 anos**. IBGE. Disponível em: <<http://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento>>. Acesso em 10 de out. 2014.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. Relatório do Ministério das Relações Exteriores. 1899. Disponível em: <<http://www.archive.org/stream/relatrio01medegoog#page/n297/mode/1up>>. Acessado em: 15 de out. 2014.

MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS. *Brazil: political relations*. MFA. Disponível em: <<http://www.mfa.gr/missionsabroad/br/brazil-br/bilateral-relations/political-relations.html>>. Acessado em 28 de out. 2014.

MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS. *Chile: Greek Community*. Disponível em: <<http://www.mfa.gr/missionsabroad/es/chile-es/bilateral-relations/greek-community.html>>. Acessado em 28 de out. 2014.

MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS. *Mexico: Cultural Relations and Greek Community*. MFA. Disponível em: <<http://www.mfa.gr/missionsabroad/es/mexico-es/bilateral-relations/cultural-relations-and-greek-community.html>>. Acessado em 28 de out. 2014.

PÍTSICA, Savas Apóstolo. **Os gregos no Brasil**. Florianópolis, 1983.

SANTA CATARINA, Governo Provincial. Relatório do Presidente da Província de Santa Catarina, o doutor Alexandre Rodrigues da Silva Chaves, apresentado à Assembléia Legislativa Provincial na 2ª sessão da 12ª legislatura em o 1º de março de 1865. Santa Catharina: Tipografia Catarinense de Ávila & Rodrigues, 1865, pp. 24 e 25.

SANTA CATARINA, Governo Provincial. Fala com que o Exmo. Sr. Dr. João Capistrano Bandeira de Mello Filho abriu a 1ª sessão da 21ª legislatura da Assembléia Legislativa da Província de Santa Catharina em 1º de março de 1876. Cidade do Desterro: Tipografia de J.J. Lopes, 1876, p. 83.

SÃO PAULO. Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas do Estado de São Paulo – Boletim do Departamento Estadual do Trabalho, 1927.

SCHIAVON, Taís. **O avanço da indústria no oeste paulista: o Ramal Ferroviário da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil**. In: Saberes eruditos e técnicos na configuração e reconfiguração do espaço urbano: São Paulo, séculos XIX e XX, *Projeto temático Fapesp nº 05/5538-0*. Coordenado por Maria Stella Martins Bresciani, Ciec – IFCH – Unicamp, 2011.

STATISTICS CANADA. *Ethnic origins 2006 counts Canadá provinces and territories*. Statcan. Disponível em: <<http://www12.statcan.ca/census-recensement/2006/dp-pd/hlt/97-562/pages/page.cfm?Lang=E&Geo=PR&Code=01&Table=2&Data=Count&StartRec=1&Sort=3&Display=All&CSDFilter=5000>>. Acessado em 28 de out. 2014.

ROLFSEN, Maria do Rosário; BASTOS, Sônia Regina. Imigração italiana para o Brasil no Pós Segunda Guerra Mundial. In: **34º Encontro Anual da Anpocs ST21: Perfil das entradas e trajetórias Migrações em trânsito: produção, circulação e consumo em questão**. São Paulo, 2008.

INSTITUTO HISTÓRICO DE PETRÓPOLIS. Curso de História de Petrópolis. IHP. 2006. Disponível em: http://www.ihp.org.br/lib_ihp/docs/jfan20060423b.htm. Acessado em: 14 de out. 2014.

UNITATE STATES CENSUS BUREAU. Total Ancestry Reported 2010. US Census Bureau. Disponível em: <http://factfinder2.census.gov/faces/tableservices/jsf/pages/productview.xhtml?pid=A_CS_10_1YR_B04003&prodType=table>. Acessado em 04 de dez. 2014.

VEJA. Gregos em São Paulo: sucesso e nostalgia. Veja SP Abril. 2010. Disponível em: <<http://vejasp.abril.com.br/materia/gregos-em-sao-paulo-sucesso-nostalgia>>. Acessado em: 22 de out. 2014.

BIBLIOGRAFIA

BORDIEU, Pierre. **A identidade e a representação. Elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região.** In: O poder simbólico. Lisboa: DIFEL, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p. 116-117.

BURKE, Peter. **A Escrita da História.** São Paulo: UNESP, 1992. p. 7-37.

CABRAL, O. R. **História de Santa Catarina.** 3 ed., Florianópolis: Lunardelli, 1987 (1 ed. 1968).

CAROLA, Renato Carlos; Wolff, Cristina Scheibe; Silva, Janine Gomes da. A Historiografia de Santa Catarina: olhares sobre os últimos 50 anos. In: GLEZER, Raquel (Org.). **Do passado para o futuro: edição comemorativa dos 50 anos de Anpuh.** São Paulo: Contexto, 2011. p. 303-319.

COSTA, Licurgo. **O Continente das Lagens: sua história e influência no sertão da terra firme.** Florianópolis: FCC, 1982, 5 vols.

DIÉGUES Jr. M. **Imigração, urbanização e industrialização.** Brasília: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, Ministério da Educação e Cultura, 1985.

FERNANDES, Maria das Graças. **Gregos no Brasil.** Rio Grande do Sul: Letra & Vida, 2009.

GIMARÃES NETO, Regina B. Historiografia, diversidade e história oral: questões metodológicas. In: LAVERDI, Robson [et al.]. **História oral, desigualdades e diferenças.** Florianópolis: Ed. da UFSC, 2012, p. 15-37.

GUIMARÃES NETO, Regina B. **Los espacios múltiples de La memória y de La violência: narrativas orales y prácticas culturales entre lós trabajadores de La Amazonía, Brasil.** Words na Silences/Palabras y Silencios, México, v. 3, n. 2, 2006a.

HARTOG, François. **Tempo e Patrimônio.** Belo Horizonte, v. 22, n. 36, p. 261-273 julho/dezembro 2006, p. 268.

HOBSBAWN, Eric J. **Sobre História.** São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

HOBSBAWM, Eric J.; RANGER, Terence. **A invenção das tradições.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

KITROEFF, A. **Griegos en América.** Madrid: Mapfre, 1992.

LAVERDI, Robson... [et al.] (organização). **História oral, desigualdades e diferenças.** Florianópolis: Ed. da UFSC, 2012.

LOZANO, Jorge E. A. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaina. **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 1996, pp. 15-25.

MEIRINHO, Jali. **A República em Santa Catarina, 1889-1900**. Florianópolis: UFSC, 1982.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História, metodologia, memória**. São Paulo: Contexto, 2010.

MOTTA, Márcia M. M. História, memória e tempo presente. In: CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo (orgs). **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, pp. 21-36.

NORA, Pierre. **Entre história e memória: a problemática dos lugares**. São Paulo: Projeto História, nº 10, 1993, p. 7-28.

PELUSO JÚNIOR, Victor Antonio. **A Identidade Catarinense**. Florianópolis: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. 3. Fase, n. 5, 1984.

PESAVENTO, Sandra J. História & História e Cultura. Belo Horizonte: Autentica, 2º ed., 2004, p. 7-17.

PIAZZA, Walter Fernando. **Santa Catarina: Sua História**. Florianópolis: UFSC/Lunardelli, 1983. p. 404-437.

PÍTSICA, Paschoal Apóstolo. **A contribuição grega**. Florianópolis: Palloti, 1994, p. 10.

PÍTSICA, Paschoal Apóstolo. **Memória visual da colônia grega de Florianópolis**. Florianópolis: Irineu Karasiak, 2003.

POLYZOS, M. **L'émigration grecque: étude démographique économique et sociale**. Paris: Librairie Du Recueil Sirey, 1947.

POLLACK, Michael. Memória e identidade social. In: **Revista de Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v.5, n.10,1992, pp. 200-212.

RAYMOND, Williams. **Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade**. Trad. Sandra Gardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2007, p. 117-124.

SALOUTOS, T. **The greeks in United States**. Cambridge – Massachusetts: Harvard University Press, 1964.

SERPA, Élio Contalício. **A identidade Catarinense nos discursos do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina**. Revista de Ciências Humanas, v. 14, n. 20, UFSC, 1996, p. 63-79.

TOURTIER-BONAZZI, Chantal de. Arquivos: propostas metodológicas. In: FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaina. **Usos & abusos da historia oral**. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 1996, pp. 233-245.

VASCONCELLOS, H. D. **Alguns aspectos da imigração no Brasil**. Boletim do Serviço de Imigração e Colonização, São Paulo, Secretaria da Agricultura, Industria e Comércio, n. 3, 1941.

ANEXOS

Anexo I

Tabela com registro do número de entrada de imigrantes no Brasil por período.

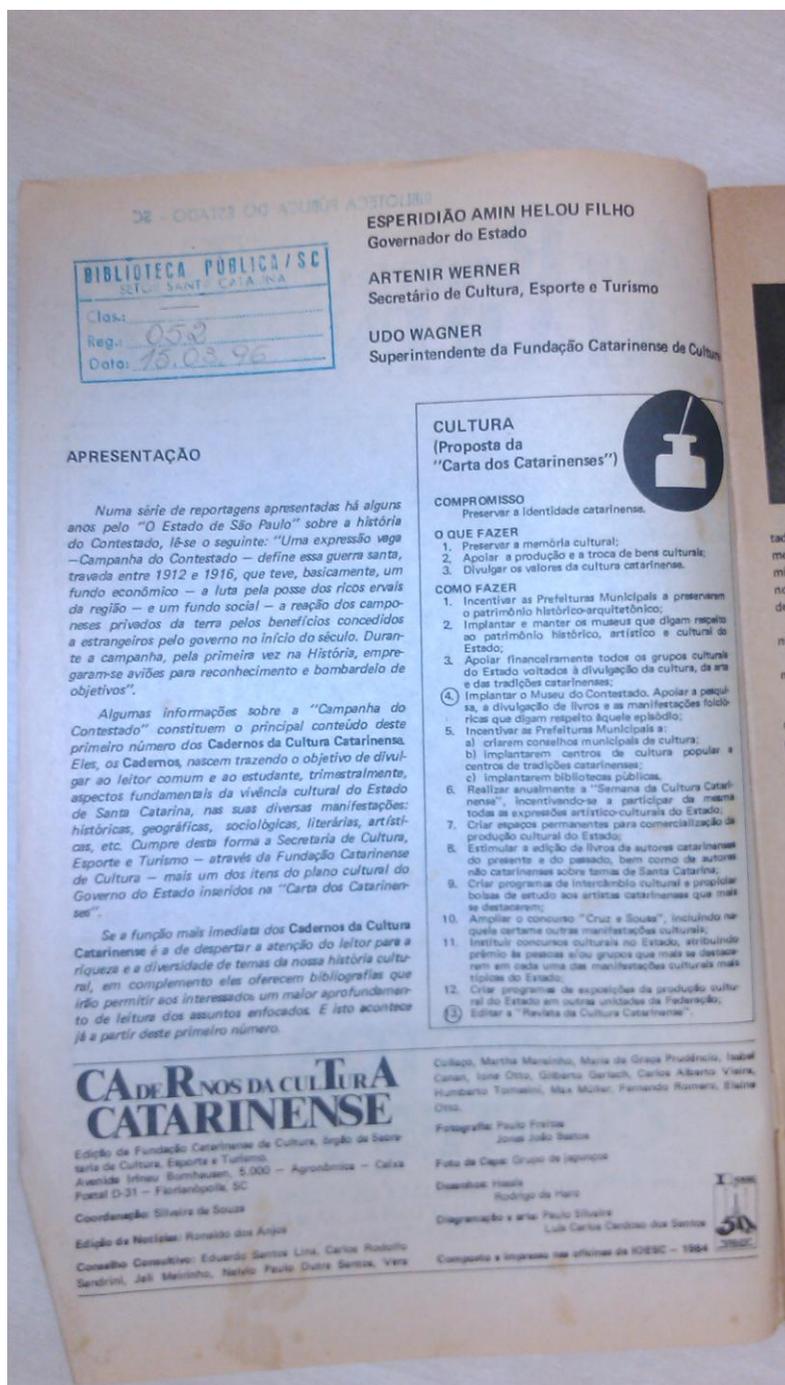
Período	Italiana	Espanhola	Japonesa	Grega	Polonesa	Sem ident.	Apátrida
1947 - 1950	269	17	11	47	4 716	3 399	1 538
1951 - 1955	27 592	175	1 239	1 870	2	80	1 361
1956 - 1960	12 297	5 487	1 184	2 547	14	172	405
1961 - 1965	2 400	8 335	1 062	1 158	14	174	202
1966 - 1970	656	646	714	3	0	173	2
1971 - 1975	171	303	967	1	1	456	1
1976 - 1980	117	75	665	0	1	176	0
Sem identificação	646	310	158	106	63	149	64
Identificado	43 502	15 038	5 842	5 626	4 748	4 630	3 509
Total	44 148	15 348	6 000	5 732	4 811	4 779	3 573

Fonte: Banco de dados

Fonte: ROLFSEN, Maria do Rosário; BASTOS, Sônia Regina. Imigração italiana para o Brasil no Pós Segunda Guerra Mundial. In: **34º Encontro Anual da Anpocs ST21: Perfil das entradas e trajetórias Migrações em trânsito: produção, circulação e consumo em questão**. São Paulo, 2008.

Anexo II

Cadernos da Cultura Catarinense



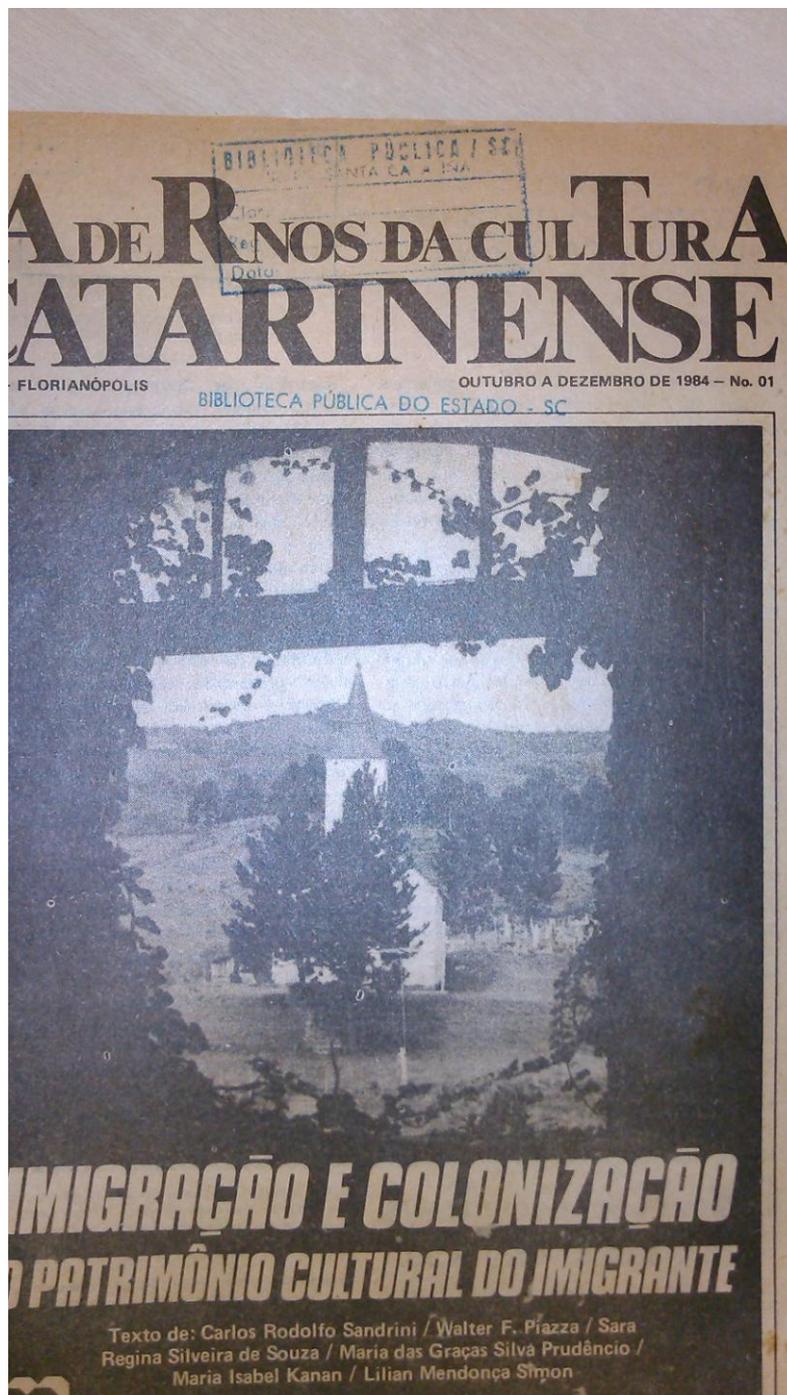
Fonte: Foto de arquivo pessoal do CADERNOS DA CULTURA CATARINENSE.

Aspectos do Contestado. Florianópolis: FCC, ano I, jul/set, 1984, p. 1.

Data: 13/11/2014

Anexo III

Cadernos da Cultura Catarinense

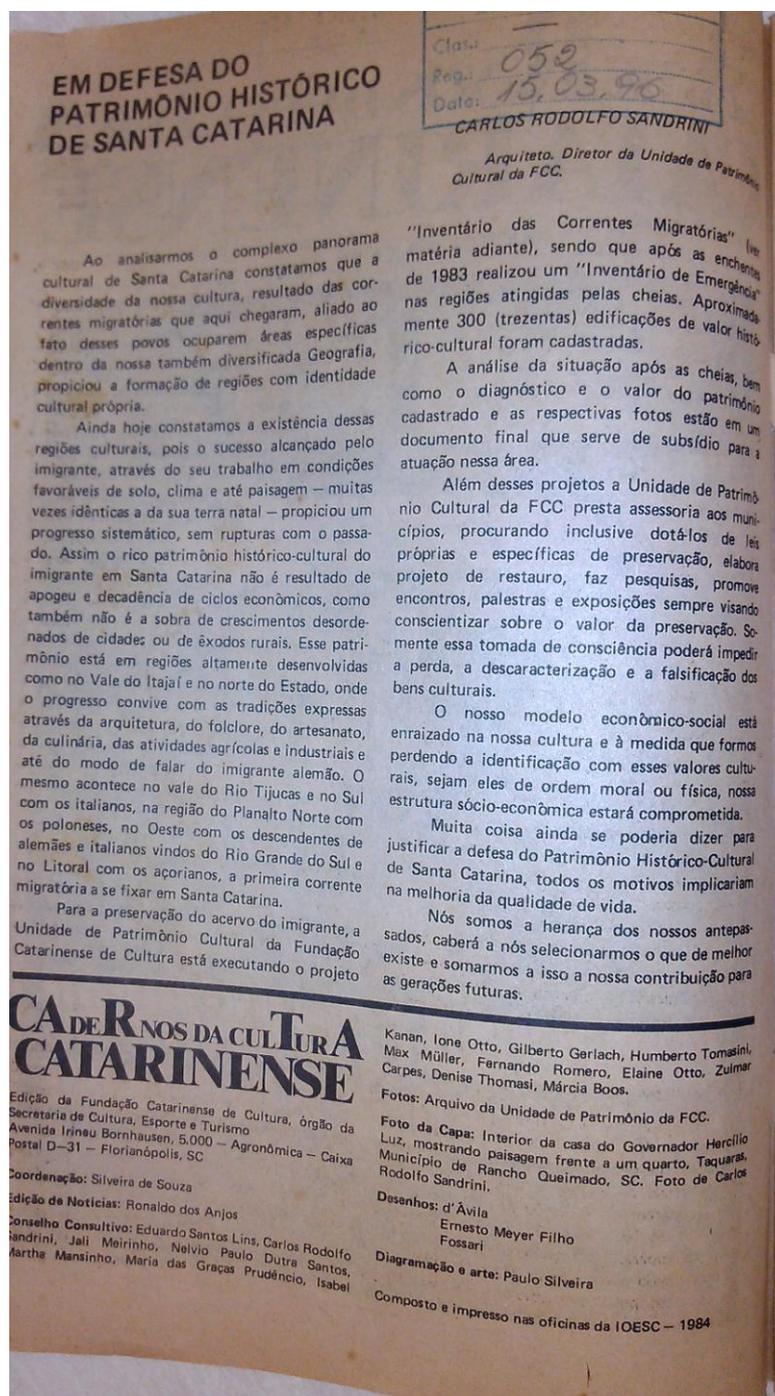


Fonte: Foto de arquivo pessoal do CADERNOS DA CULTURA CATARINENSE.
Imigração e Colonização: o patrimônio cultural do imigrante. Florianópolis: FCC,
ano I, out/dez, 1984.

Data: 13/11/2014

Anexo IV

Cadernos da Cultura Catarinense



Fonte: Foto de arquivo pessoal do CADERNOS DA CULTURA CATARINENSE.
Imigração e Colonização: o patrimônio cultural do imigrante. Florianópolis: FCC,
ano I, out/dez, 1984, p. 1.

Data: 13/11/2014

Anexo V

Igreja Ortodoxa Grega São Nicolau



Fonte: Foto de arquivo pessoal da Igreja Ortodoxa Grega São Nicolau.

Data: 01/12/2014.

Anexo VI

Praça da República da Grécia na Beira Mar Norte em Florianópolis



Fonte: Foto de arquivo pessoal.

Data: 02/12/2014